

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

**RODOLFO DE MATOS ROCHO**

**O ESTEREÓTIPO DO BIBLIOTECÁRIO NO CINEMA**

Porto Alegre  
2007

**RODOLFO DE MATOS ROCHO**

**O ESTEREÓTIPO DO BIBLIOTECÁRIO NO CINEMA**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia, pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Helen Beatriz Frota Rozados

Porto Alegre  
2007

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**Reitor:** José Carlos Ferraz Hennemann  
**Vice Reitor:** Pedro Cezar Dutra Fonseca

**FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

**Diretor:** Valdir José Morigi  
**Vice-diretor:** Ricardo Schneiders da Silva

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO**

**Chefe:** Iara Conceição Bittencourt Neves  
**Vice-chefe:** Marlise Maria Giovanaz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R681e Rocho, Rodolfo de Matos

O estereótipo do bibliotecário no Cinema / Rodolfo de Matos Rocho. – 2007.  
97 f. : il.

Monografia (trabalho de conclusão de curso) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Biblioteconomia, 2007.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Helen Beatriz Frota Rozados.

1. Cinema. 2. Imagem profissional. 3. Estereótipo. 4. Bibliotecário. I. Rozados, Helen Beatriz Frota. II. Título.

CDU 023.4:791.43

**Departamento de Ciências da Informação**

Rua Ramiro Barcelos, 2705 - Bairro Santana

CEP 90035-007 Porto Alegre-RS

Fone: (51) 3308-5146

Fax: (51) 3330-6635

E-mail: fabico@vortex.ufrgs.br

**Rodolfo de Matos Rocho**

**O ESTEREÓTIPO DO BIBLIOTECÁRIO NO CINEMA**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Examinado em .....de .....de .....

**Banca Examinadora**

---

Helen Beatriz Frota Rozados – CRB 10/368  
Doutora em Comunicação e Informação/UFRGS  
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação - UFRGS

---

Regina Helena van der Laan – CRB 10/514  
Doutora em Letras/UFRGS  
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação - UFRGS

---

Martha E. K. Kling Bonotto – CRB 10/755  
Mestre em Letras/UFRGS  
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação - UFRGS

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha excelente orientadora, que tanto quanto eu, se interessou pelo trabalho, esclarecendo e contribuindo para a sua realização.

Aos colegas de estágio, funcionários e bibliotecárias do Ateliê Livre, da Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães, da Biblioteca da Faculdade de Arquitetura/UFRGS e da Biblioteca da Escola de Administração/UFRGS pela amizade e pelos ensinamentos.

Agradeço aos amigos que fiz durante o curso pelas horas de descontração.

À minha prima e seu namorado pelas idéias subversivas.

À minha família pelo apoio.

À pessoa que mais amo por todo o carinho e paciência.

Agradeço a todos que enviaram sugestões de filmes e contribuíram para a conclusão deste trabalho.

- *“O melhor efeito de um livro é levar o leitor à atividade” (Thomas Carlyle).*

- *É obvio que esse homem nunca dirigiu uma biblioteca, o principal efeito de um livro de biblioteca é ser devolvido inteiro à prateleira.*

*Um perigo de mulher (Allan Moyle, 1992)*

## **RESUMO**

Realiza uma análise da imagem do profissional bibliotecário na sétima arte. Analisa a imagem do bibliotecário por períodos, por tipo de biblioteca e por gênero cinematográfico, comparando-a com a literatura especializada da área, relativa ao período do filme estudado (1930-2007). Mapeia e define cinco estereótipos latentes presentes no Cinema: o bibliotecário tradicional, o profissional, o ambíguo, o fantástico e o informal. Contextualiza os seguintes assuntos: estereótipo, imagem, imaginário, imagem do bibliotecário na Sociedade, além de delinear um breve histórico sobre o Cinema e seu papel na Indústria Cultural. Emprega metodologia exploratória com abordagem qualitativa, baseando-se na análise de imagens em movimento, com contribuições teóricas sobre vídeo, filme e fotografia como instrumento de pesquisa. Utiliza instrumento de coleta de dados criado especificamente para este estudo. Conclui a respeito do estereótipo negativo do bibliotecário que é preponderante nos filmes analisados. Recomenda a ampliação da amostra da pesquisa, bem como uma análise mais exaustiva da representação do bibliotecário por tipos de bibliotecas e gêneros cinematográficos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cinema. Imagem profissional. Estereótipo. Bibliotecário.

## **ABSTRACT**

It carries out an analysis of the librarian's image on the seventh art. It analyzes the librarian's image by periods, library kinds and cinematographic genres, comparing it to the specialized literature of the area related to the studied movie period (1930-2007). It maps and defines five stereotypes that can be found on the Movies: the traditional librarian, the professional, the ambiguous, the fantastic and the informal librarian. It contextualizes the following subjects: stereotype, image, imaginary, librarian's image on Society, and also a brief movie's history and its role on Cultural Industry. The methodology applied was exploratory and qualitative, based on analysis of images in movement, with theoretical contributions about video, movies and photography as a research instrument. Concludes about the predominance of the librarian's negative stereotype on the analyzed movies. Commends a sample enlargement, as well as an exhaustive analysis of the librarian's representation by kind of library and movie genres.

**KEYWORDS:** Movie. Professional image. Stereotype. Librarian.

## LISTA DE QUADROS

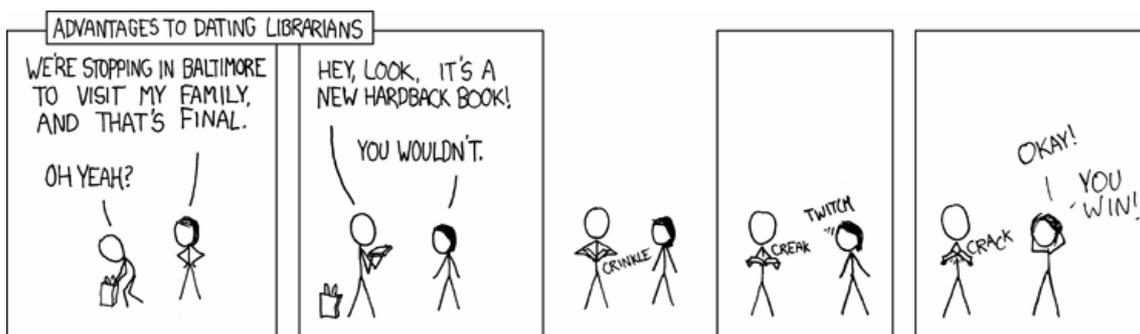
Quadro 1 – Filmes analisados.....	47
Quadro 2 – Amor eletrônico.....	50
Quadro 3 – A mulher proibida.....	51
Quadro 4 – Debbie does Dallas.....	55
Quadro 5 – Céline et Julie vont en bateau.....	56
Quadro 6 – O Guardião: em busca da lança sagrada.....	60
Quadro 7 – Stanley & Íris.....	62

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	11
1.1 JUSTIFICATIVA	12
1.2 OBJETIVOS	13
<b>1.2.1 Objetivo Geral</b>	13
<b>1.2.2 Objetivos Específicos</b>	13
<b>2 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA</b>	14
2.1 ESTEREÓTIPO	15
2.2 IMAGEM E IMAGINÁRIO	17
2.3 CINEMA	20
<b>2.3.1 História do Cinema</b>	21
<b>2.3.2 Cinema e Indústria Cultural</b>	24
2.4 PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO	27
<b>2.4.1 Profissional Bibliotecário: da necessidade ao lazer</b>	27
<b>2.4.2 Profissional Bibliotecário: da máquina ao computador</b>	29
<b>2.4.3 Profissional Bibliotecário: novas tecnologias, novos hábitos</b>	30
<b>2.4.4 Imagem do Bibliotecário</b>	33
<b>2.4.5 Imagem do Bibliotecário no Cinema</b>	36
<b>3 METODOLOGIA</b>	40
3.1 TIPO DE ESTUDO	42
3.2 SUJEITO DA PESQUISA	43
3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	43
3.4 ANÁLISE DOS DADOS	44
3.5 LIMITAÇÕES DO ESTUDO	44
<b>4 ANÁLISE DOS DADOS</b>	46
4.1 PERÍODO DE 1930 A 1969	48
4.2 PERÍODO DE 1970 A 1989	54
4.3 PERÍODO DE 1990 A 2007	58
4.4 PERÍODO DE 1930 A 2007	64
<b>4.4.1 Tipo de Biblioteca</b>	68
<b>4.4.2 Gênero Cinematográfico</b>	69
<b>4.4.3 Estereótipo</b>	72

	10
<b>5 CONCLUSÃO</b> .....	77
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	80
<b>APÊNDICE A – Lista de filmes analisados</b> .....	87
<b>APÊNDICE B – Ficha de coleta de dados</b> .....	90
<b>ANEXO A – Seqüência de cenas do filme “Amor eletrônico”</b> .....	92
<b>ANEXO B – Seqüência de cenas do filme “A mulher proibida”</b> .....	93
<b>ANEXO C – Seqüência de cenas do filme “Debbie does Dallas”</b> .....	94
<b>ANEXO D – Seqüência de cenas do filme “Céline et Julie vont en bateau”</b> .....	95
<b>ANEXO E – Seqüência de cenas do filme “O Guardiã: em busca da lança sagrada”</b> .....	96
<b>ANEXO F – Seqüência de cenas do filme “Stanley &amp; Íris”</b> .....	97

# INTRODUÇÃO



## 1 INTRODUÇÃO

O papel do bibliotecário na Sociedade está se alterando devido às novas tecnologias de informação e comunicação. Novas formas de trabalhar surgiram porque novas ferramentas foram criadas para o controle, organização e disseminação da Informação. O profissional não está mais limitado ao espaço físico da biblioteca; agora ele trabalha com vários suportes em que a Informação está registrada, onde o usuário passa a ser o foco principal e não mais o acervo, ao mesmo tempo que a disseminação passa a ter mais importância que a preservação da Informação.

Todas essas mudanças alteraram o modo como o profissional é visto pela Sociedade e como ele é difundido pelos meios de comunicação em massa. Se antes o bibliotecário era tido como um homem erudito, sem formação técnica, amante dos livros, agora a profissão é tida como um trabalho técnico, majoritariamente feminino. Visão esta que está se transformando novamente com o "moderno" profissional da informação.

Os meios de comunicação em massa formam e manipulam a opinião do público e o uso de estereótipos por parte deste pode prejudicar o profissional bibliotecário. Isto se deve ao fato de que, geralmente, o que os meios de comunicação em massa transmitem é tomado como verdade podendo, assim, propagar uma imagem do profissional que não condiz com a realidade.

Para tanto, este trabalho pretende investigar se o Cinema, como instrumento pedagógico, ajuda a propagar o estereótipo do profissional bibliotecário.

### 1.1 JUSTIFICATIVA

O Cinema como instrumento pedagógico e através de seus personagens criados de forma a cativar o público, ajuda na formação de opinião da Sociedade. Desde muito tempo é comum que os meios de comunicação apresentem o bibliotecário como um profissional ranzinza, que prima pelo silêncio e, geralmente, é do sexo feminino.

Partindo desta justificativa, este trabalho pretende investigar se o Cinema retrata o bibliotecário de forma real ou se tende ao estereótipo e se a caracterização do

bibliotecário no Cinema mostra-se como uma constante com o passar do tempo, ou se ela vem sofrendo alterações.

## 1.2 OBJETIVOS

Os objetivos desta investigação foram divididos em objetivo geral e objetivos específicos.

### 1.2.1 Objetivo Geral

Analisar a imagem do bibliotecário, no contexto da sétima arte.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos são:

- a) levantar, na literatura relacionada a Biblioteconomia, em cada um dos períodos analisados qual a imagem do bibliotecário, desde o século passado até o atual;
- b) verificar se a imagem que o Cinema passa do bibliotecário é estereotipada ou real;
- c) analisar se houve mudança na imagem do bibliotecário, no Cinema, com o passar do tempo;
- d) comparar se esta mudança de imagem coincide com a levantada na literatura;
- e) examinar, nos filmes pesquisados, o ambiente em que o profissional bibliotecário esta inserido, como forma de melhor compor esta imagem.

### CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

**CALVIN**



**Bill Watterson**



## 2 CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

Na contextualização teórica se conceitua os termos estereótipo, imagem e imaginário. São elencados os principais aspectos da evolução do profissional bibliotecário, sua imagem na Sociedade, bem como sua representação na sétima arte. Também se desenvolve um breve histórico do Cinema e seu papel como participante da Indústria Cultural.

### 2.1 ESTEREÓTIPO

Ao se analisar, etimologicamente, o termo estereótipo, se verá que ele se origina do grego *stéreatos*, sólido, firme, e *túpos*, molde, modelo, sendo designado como uma placa metálica de caracteres fixos cuja função é a impressão em série. Como muitos outros termos, o estereótipo veio se adaptando para um vocabulário mais corrente e adquiriu uma conotação psicossocial, remetendo a uma generalização de certo grupo. Esta generalização, seja profissional, racial ou qualquer outra, ajuda o indivíduo a reunir uma grande quantidade de informação, mesmo que para isso ele tenha que eliminar algumas características individuais dos membros deste grupo.

Segundo Simões (1985, p.207 apud LIMA, [1994?], p.1)\* estereótipo remete a “[ . . . ] uma matriz de opiniões, sentimentos, atitudes e reacções dos membros de um grupo, com as características de rigidez e homogeneidade.”, ou seja, é uma maneira simplista de definir determinado grupo e que dificilmente se aplica a todas as pessoas do mesmo.

Para Roggau (2006), os estereótipos são rígidos, mas adaptam-se à sociedade vigente, ou seja, apesar de a Sociedade ter mudado muito desde a Idade Média, o estereótipo do bibliotecário é herança dos monges medievais, guardiões, leitores, conservadores, entre outras características, que se aplica a qualquer profissional

---

\* SIMÕES, A. Estereótipos relacionados com os idosos. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, XIX, p.207-234, 1985 apud LIMA, [1994?], p.1

bibliotecário, independente do contexto social, cultural e histórico em que este está inserido, alterando-se apenas a aparência física.

Os estereótipos, geralmente, são negativos, pois tendem a ser criados e estabelecidos para demonstrar o poder de um grupo sobre o outro, de forma a depreciar o concorrente (BAPTISTA, [2004?]). Os estereótipos positivos são menos frequentes e polêmicos, pois não influenciam de forma discriminatória os membros da Sociedade.

É muito comum que o estereótipo torne-se uma verdade no inconsciente das pessoas, principalmente porque a mídia utiliza-se deste recurso para facilitar a identificação de seus produtos ou personagens, ou seja, a mídia, quando retira o profissional de seu contexto histórico-social, distorce a realidade em prol da estereotipia. Muitos estereótipos são passados de geração a geração, não sendo questionadas sua origem ou motivos.

Para se desvencilhar da imagem negativa criada pelo estereótipo, os grupos devem se impor de maneira a ganhar notoriedade na Sociedade. Quanto mais informações se adquirem a respeito de determinado grupo, menos estereotipada é a visão projetada sobre este.

Acredita-se que ainda hoje a Biblioteconomia não tem bem definido seu campo de atuação neste novo contexto, razão pela qual os profissionais têm dificuldade de impor uma imagem positiva da profissão, visto que esta ainda está em formação. A visão deturpada que a Sociedade tem, em relação aos profissionais bibliotecários, reflete-se na imagem que nos é transmitida: uma mulher idosa, ranzinza, sempre exigindo silêncio, fora de moda e que passa a maior parte do seu tempo guardando livros nas estantes.

Algumas causas desta imagem negativa, segundo Pinto e Ochôa (2006, p.35), ao comentar acerca do profissional bibliotecário, são:

[ . . . ] a pouca compreensão e o desconhecimento dos serviços prestados pelo profissional de informação por parte do público, a má percepção dos profissionais da sua própria profissão, a má qualidade da formação [ . . . ].

O estereótipo negativo do bibliotecário não será revertido rapidamente; é preciso que o profissional execute suas tarefas com prazer e eficiência, sempre voltando seus objetivos à comunidade, além de realizar o *marketing* da profissão (PINTO; OCHÔA, 2006). Apenas desta forma será possível ganhar a credibilidade da Sociedade e a

projeção necessária para que todos compreendam sua importância, deixando de lado os preconceitos.

Nas palavras de Roggau (2006, p.30):

Los bibliotecarios seguirán creciendo en la profesión y adecuándose a los cambios permanentemente; mientras tanto, la sociedad irá aprendiendo a ver la realidad con sentido crítico y con independencia de cualquier medio de comunicación; se cuestionará las ideas preconcebidas, las imágenes impuestas y el origen de sus actitudes discriminadoras.

## 2.2 IMAGEM E IMAGINÁRIO

A imagem é um recurso usado pela Humanidade desde os tempos pré-históricos, comprovado pelas pinturas encontradas nas cavernas para expressar a cultura humana, até os tempos atuais, onde uma produção vertiginosa de imagens nos atropela diariamente, seja ela de cunho publicitário ou artístico.

Esta produção de imagens, seja individual ou coletiva, visa estabelecer uma melhor relação com o mundo. Mas sabe-se que o órgão da visão não é neutro, ele possui limitações, além do indivíduo também afetar essa relação imagem-percepção, através do saber individual, dos afetos, das crenças, entre outros fatores.

Segundo Silva ([1997?], p.1), a imagem

[ . . . ] significa a representação de um objeto ou a reprodução mental de uma sensação na ausência da causa que a produziu. Essa representação mental, consciente ou não, é formada a partir de vivências, lembranças e percepções passadas e passível de ser modificada por novas experiências.

A partir desta definição pode-se concluir que a imagem divide-se em duas vertentes: a percepção e a imaginação. A percepção da imagem refere-se à realidade, ou seja, a imagem como representação visual. Por exemplo: desenhos, pinturas, entre outros, podendo ser “[ . . . ] objetos materiais, signos que representam o meio ambiente visual.” (SOARES; FREIRE, 2005, p.5). A imaginação refere-se a imagens mentais que podem ser expressas por visões, fantasias, entre outras.

A semelhança entre estas duas vertentes é que: “Material ou imaterial, visual ou não, natural ou fabricada, uma ‘imagem’ é antes de mais nada algo que se assemelha a outra coisa.” (JOLY, 2002, p.38), ou seja, imagem é representação. Sua função é “[ . . . ] evocar, querer dizer outra coisa que não ela própria, utilizando o processo da semelhança.” (JOLY, 2002, p.39). Assim, as imagens remetem “[ . . . ] não ao que se vê, mas sim ao que se sabe ou ao que se aprendeu a ver [ . . . ]” (CARDOSO; MAUAD, 1997, p.403).

Para Aumont (1999), a imagem pode assumir três valores: um valor de representação, no qual a imagem representa coisas concretas; um valor de símbolo, no qual a imagem representa coisas abstratas; e um valor de signo, no qual a imagem representa um conteúdo que não está refletido visualmente por ela. Sabe-se que a realidade das imagens é muito mais complexa e que uma mesma imagem pode assumir um ou mais valores citados por Aumont.

Seguindo o pensamento de Aumont (1999), a imagem pode assumir três modos: o modo simbólico, no qual as imagens servem de símbolos, como a cruz cristã ou a foice e o martelo; o modo epistêmico, no qual a imagem traz informações visuais sobre o mundo, podendo este então ser conhecido - um exemplo significativo deste modo são os livros de ornitologia, no qual mostram-se fotos ou ilustrações de pássaros para uma melhor assimilação do conhecimento; o modo estético, no qual a imagem é destinada a agradar o seu espectador, ativando neste sensações específicas - as obras de arte são exemplos significativos deste modo.

A imagem, no que se refere à realidade fílmica, é composta por três fatores: o movimento, o som e a cor. A partir das descobertas do fenômeno que permite que imagens estáticas pareçam estar em movimento, o Cinema começou a desenvolver-se. O som, implantado no Cinema em 1926, teve uma forte recusa de vários diretores consagrados na época, como Charles Chaplin e Sergei Einsestein. Estes diziam que a imagem por si só já era suficiente para expressar a idéia que lhe cabia, sendo o som um elemento redundante. Tais diretores acabaram rendendo-se à nova tecnologia da época e percebendo as melhorias trazidas pelo som para o Cinema. A cor, implantada no Cinema em 1935, possibilitou uma melhor definição da imagem, ou seja, nos filmes em preto-e-branco não se podia destacar o rubor das faces de um ator, demonstrando terror, paixão, entre outros sentimentos.

Outro fator que também faz parte da imagem cinematográfica, segundo Cardoso e Mauad (1997), são os textos, que nos remetem primeiramente às legendas do cinema

mudo, mas que podem estar também presentes em diversas formas, como bilhetes ou placas mostradas ao espectador, com finalidade de economia narrativa.

Imagem e imaginário são dois conceitos que não podem ser analisados separadamente. A imagem oferece “[ . . . ] uma visão escolhida, composta, estética da representação da natureza [ . . . ]” (SOARES; FREIRE, 2005, p.5), não uma cópia simplista, mas uma representação do real. Já o imaginário é “[. . .] composto por imagens mentais [. . .]” (SILVA, [1997?], p.1), que extrapolam a simples reprodução da realidade para a criação de uma representação nova, mas que ainda mantém suas bases no real.

Castoriadis (1965, p.65 apud BARBIER, 1994, p.19)\* enfatiza que

[ . . . ] nós falamos de imaginário quando queremos falar de algo inventado, ou quer se trate de uma invenção ‘absoluta’ (uma história onde todas as peças são imaginadas) ou de um deslizamento, ou de um deslocamento de sentido, onde símbolos já disponíveis são investidos de outras significações distintas de suas significações ‘normais’ ou canônicas.

Para Arruda (1994, p.80), o imaginário apresenta três características básicas: “[ . . . ] a consciência imaginária me remete a um objeto ausente [ . . . ]”, pois quando se está imaginando, não se vê o objeto real; “[ . . . ] a consciência imaginante coloca o objeto como nada [ . . . ]”, através da imaginação a mente humana cria significados para o objeto-imagem; “[ . . . ] a consciência imaginante é uma espontaneidade que produz e conserva o objeto em imagem [ . . . ]”, essa espontaneidade significa que a consciência não está condicionada, ela é livre para criar e fazer as associações sem esbarrar em determinismos.

O imaginário, portanto, não é o contraposto do real, mas sim a reconstrução deste influenciada pelos desejos sociais dos indivíduos. Assim Laplantine e Trindade (1996, p.27) complementam:

O imaginário, ao libertar-se do real que são as imagens primeiras [como, por exemplo, animais, flores, ente outras], pode inventar, fingir, improvisar, estabelecer correlações entre os objetos de maneira improvável e sintetizar ou fundir essas imagens.

---

\* CASTORIADIS, C. *L’institution imaginaire de la société*. Paris: Seuil, 1965 apud BARBIER, 1994, p.19

Ou seja, o imaginário transfigura e desloca o real, criando relações que eram inexistentes no mesmo.

O imaginário social não é a soma de aspirações coletivas, mas

[ . . . ] reflete práticas sociais em que se dialetizam processos de entendimento e de fabulação de crenças e de ritualizações. Produções de sentidos que circulam na sociedade e que permeiam a regulação de comportamentos, de identificação, de distribuição de papéis sociais. Isso é vivido de tal forma pelos agentes sociais que passa a representar para o grupo o sentido de verdadeiro. (FERREIRA; EIZIRIK, 1994, p.6).

Ou seja, as relações hierárquicas da sociedade, que são vivenciadas cotidianamente através de ritualizações, são tidas como verdadeiras e garantem o privilégio de determinado grupo, que usa os meios pelos quais se difunde este imaginário, como o Cinema, para legitimar o seu poder diante das outras classes ou grupos.

O imaginário social mascara os problemas reais e os conflitos vivenciados pelo indivíduo cotidianamente, garantindo a obediência deste não pela força física, mas pela coerção “mental”, que o faz obedecer às imposições sociais. O controle do imaginário, da sua reprodução, difusão e gerenciamento asseguram um controle das atividades individuais e coletivas, influenciando nas escolhas dos indivíduos (PESAVENTO, 1995).

No que se refere ao Cinema, o espectador é

[ . . . ] hipnotizado pelas imagens jogadas na tela grande, dispondo-se a sentir os acontecimentos, dominado por um processo psíquico de projeção/identificação que ativa a imaginação [melhor dizendo, o imaginário] e suspende a racionalização. (LUNARDELLI, 2002, p.204).

### 2.3 CINEMA

Desenvolve-se um breve histórico do Cinema e se analisa sua influência na opinião pública, bem como seu papel de participante da Indústria Cultural.

### 2.3.1 História do Cinema\*

O Cinema tem sua origem mais remota no jogo de sombras do teatro de marionetes oriental, onde figuras eram projetadas em uma parede ou tela de linho, produzindo uma narrativa através destas imagens que tinham como enredo histórias que habitavam o imaginário da época, como dragões, guerreiros, entre outros seres mitológicos.

Mas uma grande contribuição ao desenvolvimento do cinema foi dada pelas descobertas científicas de Peter Mark Roger, em 1824, na qual o autor constata que “[ . . . ] o olho humano retém as imagens durante uma fração de segundo posterior ao momento em que elas desaparecem de seu ângulo de visão.” (GRUPO RASPA CULTURAL DO BRASIL, [2007?]), ou seja, se imagens estáticas são passadas sucessivamente em uma fração de segundo, a visão humana as une em uma única imagem em movimento. A esse fenômeno intitulou-se persistência da visão ou persistência retiniana.

Em 1832, foi criado pelo belga Joseph-Antoine Plateau, o fenacistoscópio, que “[ . . . ] consiste em vários desenhos idênticos, em posições ligeiramente diferentes, distribuídos por uma placa circular lisa. Quando essa placa gira frente a um espelho, se cria a ilusão de uma imagem em movimento.” (WIKIPEDIA, [2007?]). A partir dele muitos outros aparelhos foram criados com o objetivo de captar e reproduzir a imagem do movimento, como o praxinoscópio, o fuzil fotográfico, a cronofotografia, o cinetoscópio, até a criação do cinematógrafo pelos irmãos Auguste e Louis Lumière, em 1895, que é considerado o marco do Cinema.

O cinematógrafo é, basicamente, a mesma câmera que se usa hoje em dia, só que seu funcionamento era manual, ativado por uma manivela. Este aparelho

[ . . . ] permite armazenar, previamente, por uma série de instantâneos (fotogramas), os movimentos que durante um certo tempo sucedem diante de uma lente fotográfica e depois reproduzir estes movimentos projetando estas imagens sobre um anteparo (v.g.: tela, parede).” (WIKIPEDIA, [2007?]).

---

\* Informações factuais retiradas da Wikipedia, a enciclopédia livre online.

O que diferenciava o cinematógrafo dos inventos anteriores era a capacidade de projetar as imagens captadas para um grande público.

A primeira exibição de cinema foi em 1896, na feira russa de Nizh Novorod, a partir da idéia de exibição de fotografias seqüenciais, desenvolvida pelos franceses Irmãos Lumiere. Deles também foram os primeiros filmes produzidos e que tinham um caráter documental, ou seja, eram documentários que registravam a realidade sem nenhuma alteração. “A chegada do trem na estação”, um de seus primeiros filmes, mostrava um trem chegando a uma estação ferroviária. Com o tempo, percebeu-se a necessidade de trazer para o Cinema o entretenimento e George Meilés, em 1902, torna-se precursor do cinema artístico, com o filme “Viagem à lua”, que explora o imaginário e não mais o real.

A Europa, e principalmente a França, foi o centro do Cinema até a eclosão da I Guerra Mundial, quando os produtores, artistas e cineastas em geral migraram para os Estados Unidos da América (EUA), especificamente a Califórnia, devido a problemas econômicos, sociais e políticos, causados pela guerra. Até esse momento o Cinema não tinha *status* de arte e era considerado um entretenimento das classes mais pobres da população, geralmente exibidos em casas de espetáculos entre as demais atrações, devido a seu curto tempo de duração.

Em 1913, D. W. Griffith, cineasta norte-americano, lança “O nascimento de uma nação”, primeiro filme considerado comercial. A partir deste momento, o Cinema deixa de ser uma atração secundária em casas de espetáculos, passando a principal atração, que poderia render lucros para os seus produtores. Até 1926, os principais gêneros produzidos eram o documentário, a ficção, o melodrama e a comédia. Este último revelou grandes estrelas como Charles Chaplin, Buster Keaton, Mack Sennett, entre outros.

O advento do som no Cinema, em 1926, reforça um maior interesse comercial, ao ser constatado que este estava se desenvolvendo de forma rápida e se afirmando como arte. Procurou-se, então incorporar a classe média e a burguesia ao público cinematográfico, pois estes tinham poder econômico e tempo livre para lazer, maior do que as classes pobres, que eram em sua maioria formada de imigrantes.

O primeiro filme a ter falas foi produzido pela Warner Brothers, em 1927, intitulado “O cantor de jazz”, de Alan Crosland, que continha trechos cantados pelo protagonista, além de pequenas falas. Nessa época multiplicaram-se os musicais e começaram a surgir grandes estrelas hollywoodianas, como Bette Davis e Clark Gable.

Em 1935, foi produzido pelos estúdios Fox, o primeiro filme colorido, intitulado “Vaidade e beleza”, de Rouben Mamoulian.

As décadas de 1930 e 1940 são consideradas a Era de Ouro do Cinema em Hollywood, pois os EUA estavam saindo da depressão causada pela crise do Capitalismo e usavam o Cinema como uma forma de

[ . . . ] incentivo para a reconstituição moral da população. Por isso, grande parte dos filmes desse período enfatizam o lado humanista da sociedade, declarando-se verdadeiras poesias em favor dos bons valores humanos. (DALPIZZOLO, [2007?]).

Nesse período, foram produzidos grandes clássicos como “...E o vento levou” (1939) e “O mágico de Oz” (1939), de Victor Flaming; “O morro dos ventos uivantes” (1939), de William Wyler; “Luzes da cidade” (1931) e “Tempos modernos” (1936), de Charles Chaplin; “Frankenstein” (1931), de James Whale; “A felicidade não se compra” (1946) e “A mulher faz o homem” (1939), ambos de Frank Capra; “Cidadão Kane” (1941), de Orson Welles; entre tantos outros.

Na década de 1950, com a concorrência da televisão, que começa a se popularizar, com as leis mais exigentes e severas do Código Hayes, que era um estatuto moralista que proibia a violência e o sexo no Cinema, pelo qual até mesmo Charles Chaplin foi censurado, o cinema hollywoodiano entra em declínio perdendo espaço para o cinema de outras partes do mundo, principalmente a Europa.

Cineastas asiáticos e europeus despontam no mundo do Cinema, alguns exemplos, entre tantos, são Ingmar Bergman, diretor sueco que produziu “O sétimo selo” (1956) e “Morangos Silvestres” (1957); Akira Kurosawa, cineasta asiático que dirigiu obras-primas como “Rashomon” (1950) e “Os sete samurais” (1956); Jean-Luc Godard “O acossado” (1959) e François Truffaut “Os incompreendidos” (1959), ambos cineastas franceses; Vittorio De Sica “Umberto D” (1952) e Federico Fellini “Os boas-vidas” (1953) e “As noites de Cabíria” (1957), estes diretores italianos.

As décadas de 1960 e 1970 são marcadas pelo fim do Código Hayes e filmes com caráter político e com temáticas violentas passaram a ser produzidos por todo o mundo. Alguns exemplos deste tipo de filme são “Laranja mecânica” (Stanley Kubrick, 1971), “O último tango em Paris” (Bernardo Bertolucci, 1971); “O poderoso chefão” (Francis Ford Coppola, 1972); “Sob o domínio do mal” (John Frankenheimer, 1962);

“Em busca do cálice sagrado” (Monthy Phytton, 1975); “Solaris” (Andrei Tarkovski, 1972).

As décadas de 1980, 1990 e 2000 são caracterizadas pela crescente diminuição na qualidade dos filmes produzidos. O fundo intelectual e político é substituído pelo simples entretenimento e gêneros como ação, aventura e horror passam a ocupar grande parte da produção cinematográfica mundial.

No entanto, isso não significa que grandes obras não continuaram a ser produzidas. Filmes como “O Homem-Elefante” (David Lynch, 1980), “Os intocáveis” (Brian De Palma, 1987), “Blade Runner, o caçador de andróides” (Ridley Scott, 1982), “Mississippi em chamas” (Alan Parker, 1988), “Tempo de violência” (Quentin Tarantino, 1994), “Gênio indomável” (Gus Van Sant, 1997), “Dançando no escuro” (Lars Von Trier, 2000), ainda exercem grande influência sobre o imaginário das pessoas, pois mais do que puro entretenimento, transmitem uma mensagem.

### **2.3.2 Cinema e Indústria Cultural**

As novas tecnologias de comunicação e informação alteraram o cotidiano das pessoas. Passamos de uma cultura organizada hierarquicamente, majoritariamente literária, para uma cultura distribuída massivamente, baseada em imagens, onde a arte está diretamente associada à compra e venda de produtos.

Esta cultura de massa recebeu o nome de Indústria Cultural, conceito empregado pela primeira vez em 1947, por Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, na obra “Dialética do Iluminismo”, que segundo Rüdiger (2004, p.26) torna os consumidores “[ . . . ] parte de um único complexo mercantil, formado pelo conjunto das corporações privadas e meios de comunicação e através do qual se processa e estrutura sua subjetividade e experiência do mundo.”.

Continuando o pensamento de Rüdiger (2004, p.25) a sua conceituação “[ . . . ] não depende de sua base tecnológica: refere-se sobretudo ao emprego mercantil dos veículos de comunicação, ao manejo das técnicas de marketing (promoção) e à padronização dos bens artísticos e intelectuais.”, ou seja, o importante não é a indústria ou a empresa em si, mas o processo de transformação da cultura em um bem mercadológico.

Essa indústria tem como base três características: produção em grande escala, bastando ver as tiragens dos jornais; baixo custo, por sua produção ser em grande escala, seu custo fica reduzido significativamente; padronização, pois é uma repetição do mesmo. Através dessas três características básicas, os “frankfurtianos”, da Escola de Frankfurt, que seguiam a mesma linha teórica de Adorno e Horkheimer e que viam a Indústria Cultural como um meio de manipular consciências e reproduzir a ordem social, entendiam a Indústria Cultural como uma forma de perversão da cultura e de totalitarismo, pois numa sociedade de massa teoricamente “democrática” não se percebe até onde vai esta dominação.

Abandonando um pouco os teóricos “frankfurtianos”, sabe-se que os telespectadores não são guiados passivamente e que a produção homogeneizada das mídias não afeta igualmente a todos do mesmo modo, causando o mesmo efeito e privando-os da imaginação em torno da obra. Existe uma mediação entre o produtor e o receptor da informação para, a partir disto, acontecer a produção de sentido.

Esta mediação, que compreende “[ . . . ] todo um conjunto de fatores que estrutura, organiza e reorganiza a percepção e apropriação da realidade, por parte do receptor.” (BRITTOS, [1997?], p.4), não se dá somente para produtos da Indústria Cultural, mas para toda a realidade social em que está inserido o indivíduo. Apesar do receptor ser ativo, não se pode negar a influência dos meios de comunicação neste processo.

Sendo o receptor ativo, as leituras não são homogêneas, ou seja, diferentes pessoas podem ter níveis de interesse distintos e produzir sentidos díspares sobre a mesma obra. Brittos ([1997?], p.3) destaca três premissas básicas no que se refere à recepção: “[ . . . ] que a recepção é interação; que essa interação está necessariamente mediada de múltiplas maneiras; e que a mencionada interação não está circunscrita ao momento de ver TV [ou assistir a um filme no cinema].”, assim, o processo de recepção não é linear (emissor-receptor), mas cíclico, englobando indiferentemente os dois pólos.

Essa cultura massificada serve para propagar a ordem social e “[ . . . ] cristalizar atitudes ou opiniões nos indivíduos.” (ALEXANDRE, 2001, p.113), ou seja, a classe ou grupo dominante, através dos meios de comunicação, propaga a sua dominação não pela força, mas englobando manifestações populares, regionais e locais, apropriando-se destas culturas e seduzindo o espectador com seu poder de manipulação.

Mas os meios de comunicação de massa não possuem somente aspectos negativos como a conformidade, passando uma visão acrítica da sociedade, ou o

conservadorismo, trabalhando somente com o que já foi assimilado pelo público, sendo guiada pelas leis do mercado. Esses meios têm um caráter democrático, divulgando atos de corrupção, além de proporcionar diversão para as massas, levando cultura para milhões de pessoas (ALEXANDRE, 2001).

O Cinema, como um meio de comunicação de massa, participa desta Indústria Cultural. Adorno chegou a negar o Cinema como arte, pois tendo em vista as cifras astronômicas que recebem os diretores e atores, questionava-se como poderiam ter algum tipo de preocupação com a Sociedade, com a cultura ou com a arte. Adorno não estava totalmente errado com esta afirmação. Atualmente, a rede comercial que se formou através dos filmes possibilita a venda de todo tipo de material, jogos, roupas, brinquedos infantis, entre outros, que muitas vezes são o objetivo principal da obra, e não seu cunho cultural e artístico.

Hoje em dia sabe-se que existe o cinema comercial e o cinema que está fora deste circuito. O cinema comercial baseia-se na lógica do mercado, na qual se faz uso excessivo de estereótipos e padrões, com o fim de vender o produto mais facilmente, sendo este uma mera técnica de reprodução. Já o cinema *underground* tem como objetivo principal produzir uma obra artística e com valor cultural e não uma obra mercadológica, sendo uma expressão artística autônoma. Há também aqueles diretores que circulam entre esses dois meios, como Martin Scorsese e Clint Eastwood.

Segundo Freitas (2003, p.27), para entender a relação espectador-filme é necessário entender dois processos, o de projeção e o de identificação: na projeção “[ . . . ] o sujeito expulsa dele mesmo e projeta em outro, pessoa ou objeto, as qualidades, os sentimentos, os desejos, os medos que ele desconhece ou recusa nele mesmo.”. A identificação “[ . . . ] consiste na assimilação pelo sujeito de um aspecto, de uma propriedade do outro e a adesão total ou parcial do modelo desse outro.”. Através desse processo, o espectador projeta-se no herói, imagina-se em sua posição. Por isso se identifica com ele para, enfim, assimilá-lo.

O mundo que vemos nas imagens cinematográficas é constituído de condições materiais, como a sala escura do cinema, as poltronas confortáveis e o filme como obra artística e, através dessas imagens, o público identifica-se e experimenta diversas emoções. Assim, essas imagens substituem a vida, a experiência, pelo que ocorre na tela do cinema, ou seja, é a “[ . . . ] colonização do inconsciente [ . . . ]”, a “[ . . . ] substituição da realidade pelo espetáculo.” (FRIDMAN, [1999?]).

## 2.4 PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO

Buscando entender como se processa a imagem do profissional bibliotecário no cinema, contextualiza-se a evolução deste profissional, sua imagem na Sociedade, bem como sua representação na sétima arte.

### 2.4.1 Profissional Bibliotecário: da necessidade ao lazer

A profissão de bibliotecário surgiu da interação do homem com a informação registrada que, primeiramente, foi usada como fins de controle, caso da contagem de animais dos rebanhos da Antiguidade. Com o desenvolvimento do conhecimento humano, os tipos de suportes em que esta informação era registrada e a sua finalidade mudaram. A Informação passou a ser usada, também, para o lazer, e não somente para fins administrativos, e os suportes passaram de tábuas de argila a livros em cadernos (codex). Esta informação registrada ajudou o homem a desenvolver-se cultural, econômica e tecnologicamente.

A partir de então, surgiu a necessidade de uma pessoa que ficasse responsável pela guarda e organização para uma posterior recuperação destes registros. Segundo Loureiro e Jannuzzi (2005, p.125) “[ . . . ] a organização de documentos transformou-se de um comportamento individual para uma necessidade da sociedade.”.

A partir da Idade Média, a função de guarda e organização dos livros passou a ser de responsabilidade dos sacerdotes católicos, pois estes eram os únicos que dominavam a escrita na época e, segundo Díaz e Valdés ([2003?]), “[ . . . ] su labor consistía en reunir, transcribir, organizar y conservar los documentos.“. Nesta época os livros tinham um caráter sagrado e muitas obras que eram consideradas pagãs ou que apresentavam idéias contrárias às idéias da sociedade vigente eram queimadas (LOUREIRO; JANNUZZI, 2005).

No século XV, com o desenvolvimento da imprensa por Gutenberg (1397-1468) e o conseqüente aumento na produção informacional, além da criação de diversas universidades, o bibliotecário passou a ter um papel mais ativo na sociedade e, para um melhor desempenho de suas funções, começou a utilizar procedimentos-padrão. Foram

criados, também, instrumentos para auxiliar na organização e na recuperação da informação, como códigos de catalogação e sistemas de classificação, que visavam sanar problemas específicos de determinada biblioteca.

O século XVIII foi marcado por fortes mudanças no cenário social, político e econômico mundial. A Revolução Francesa mostrou-se um marco na democratização da informação, alterando de maneira significativa a forma de trabalho do bibliotecário. Loureiro e Jannuzzi (2005) relatam que quatro fatores principais afetaram o profissional: laicização, a Igreja não tinha mais o controle da informação produzida; democratização, as bibliotecas tornaram-se públicas; especialização, cada vez mais os usuários tinham necessidades específicas e tornou-se impossível uma instituição possuir documentos com todos os assuntos em seu acervo; e a socialização, com a qual as instituições tentaram atrair os usuários para dentro da biblioteca. Nessa época, o bibliotecário deixou de ser um mero guardião do patrimônio bibliográfico e passou a ser um mediador entre os sistemas de informação e seus usuários.

Até o início do século XIX, a profissão bibliotecária era dominada por bibliotecários eruditos, principalmente escritores e poetas, que tinham a função de guardar, organizar, conservar, classificar e catalogar os livros. Seu caráter era elitista, tendo em vista o nível de conhecimento desses profissionais que, por sua vez, atendiam um público com um nível educacional também elevado. A imagem do bibliotecário estava diretamente ligada à biblioteca e aos livros, mesmo havendo outras formas de suporte da informação, como obras de arte. Até o século XIX, a formação do bibliotecário foi extremamente empírica e, somente a partir deste momento, surgiu a necessidade de desenvolver “[ . . . ] un conjunto de conocimientos sistematizados [ . . . ]” (DÍAZ; VALDÉS, [2003?]).

Muitos eruditos ficaram conhecidos como bibliotecários. Um exemplo representativo é Calímaco de Cirene (305 a.C. – 240 a.C.), poeta que, na Antiguidade, organizou o catálogo da Biblioteca de Alexandria, considerado por grande parte dos estudiosos como o primeiro a ocupar efetivamente o cargo de bibliotecário.

### 2.4.2 Profissional Bibliotecário: da máquina ao computador

Na segunda metade do século XIX, com o desenvolvimento tecnológico impulsionado pela Revolução Industrial, um crescente número de livros, assim como de periódicos e outras publicações, passaram a ser produzidos em grande escala. A instrução pública gratuita foi outro fator que exigiu do profissional uma postura diferente perante a sociedade, pois a biblioteca passou a ser um local de estudo e o bibliotecário assumiu a tarefa de educador, além das que antes já lhe cabiam.

A partir desta época, o bibliotecário passou a ser reconhecido como um profissional essencial para o desenvolvimento da sociedade, sendo de sua responsabilidade a preservação, a organização e a disseminação da informação produzida para sua comunidade.

A explosão informacional obrigou o bibliotecário a mudar o seu jeito de trabalhar. Como pode ser visto em Litton, autor consagrado na época, o bibliotecário é um profissional “[ . . . ] que tiene a su cargo la dirección, conservación, organización y funcionamiento de alguna biblioteca, ou que desempeña funciones diversas, tanto técnicas como administrativas.” (1973, p.19). Para tanto, foram criados códigos e sistemas de classificação e catalogação que padronizaram o processo de tratamento da Informação e que poderiam ser usados em diferentes bibliotecas.

Os autores estudados concordam que, com isso, o caráter erudito da profissão começou a se perder, dando espaço ao tecnicismo puro que acabou tornando a profissão monótona e com pouco *status* na Sociedade.

No entanto o bibliotecário nunca perdeu seu romantismo. É o que Litton (1973) constata ao afirmar que um bibliotecário: tem a função de guardar os livros, sendo seu companheiro e amigo; recebe um baixo salário, mas que pouco importa diante da satisfação de ser um bibliotecário; atua como um colaborador oculto, não recebendo os créditos que lhe são devidos, e nem por isso se desmotiva e desmoraliza; é cortês e coloca à disposição de cada usuário todo o seu conhecimento; desenvolve a capacidade de memorizar; e sua constante leitura o põe acima do nível intelectual comum.

Litton (1973) também ressalta as qualidades básicas que um bibliotecário deve ter. Dentre elas estão: inteligência, juízo, conhecimentos profissionais, cortesia, simpatia, paciência, saúde, desenvoltura, rapidez.

Pode-se perceber que até o final da década de 1970, a imagem do profissional bibliotecário estava diretamente ligada à biblioteca e ao livro. Apenas a partir da década de 1980, ocorre a desvinculação da imagem do bibliotecário da biblioteca e surge uma nova denominação, “profissional da informação”, coexistindo com a antiga, e que será analisada no próximo tópico.

### **2.4.3 Profissional Bibliotecário: novas tecnologias, novos hábitos**

A sociedade vem passando por profundas transformações de ordem política, econômica, social e, principalmente, tecnológica. Nesta nova sociedade, a informação desempenha um papel cada vez mais importante para o desenvolvimento científico e tecnológico e observa-se uma quebra de paradigma, tendo como pontos focais a globalização e as novas tecnologias de informação e comunicação, que provocaram profundas mudanças nos hábitos das pessoas.

A explosão informacional ocorrida no século XX devido, principalmente, ao uso da Internet, exigiu uma nova postura do profissional bibliotecário. Seu ambiente de trabalho extrapolou as fronteiras da biblioteca e o constante desenvolvimento das tecnologias de informação alterou significativamente o fazer e o agir bibliotecário. Muitos serviços, que antes eram realizados pelo bibliotecário podem, agora, ser obtidos diretamente pelo usuário.

O profissional trabalha, atualmente, com a informação, e não mais com o suporte em que a informação está registrada. O usuário passa a ser seu foco principal, e não mais o acervo, ao mesmo tempo que a disseminação passa a ter mais importância que a preservação da informação.

O termo bibliotecário mostrou-se obsoleto neste novo ambiente devido a sua nomenclatura estar diretamente ligada à biblioteca. Segundo Ponjuán Dante (2000, p.92):

[ . . . ] profissionais da informação são aqueles que estão vinculados profissional e intensivamente em qualquer etapa do ciclo de vida da informação e portanto devem ser capazes de operar eficiente e eficazmente tudo que se relaciona com o manejo da informação em organizações de qualquer tipo ou em unidades especializadas de informação.

A partir desta definição, podemos concluir que o profissional da informação abrange outras profissões além da bibliotecária, como jornalistas, museólogos, arquivistas, entre outras.

Segundo Guimarães ([1999?]), Valentim (2000) e Santos (2000) novas habilidades foram demandadas para este novo profissional, como: trabalhar de forma globalizada, conhecer e utilizar as novas tecnologias de informação, aplicar técnicas administrativas modernas, trabalhar de forma integrada, possibilitando o acesso local e remoto, ser criativo, investigativo, de senso crítico, inovador, empreendedor, flexível, dinâmico, organizado, político, entre outras características que podem ser inatas ou não, e que cabe a este novo profissional desenvolvê-las caso não as possua.

O profissional da informação não atua mais apenas em instituições de caráter tipicamente informativo, como bibliotecas e arquivos, aplicando técnicas puras. O limite geográfico, definido pelas paredes que rodeavam uma biblioteca, bem como o âmbito de atuação, que se voltava à aplicação de técnicas para organização e recuperação de material bibliográfico focado quase que totalmente no livro, dá lugar a uma indefinição geográfica, pelo uso de Redes que conectam usuários do mundo todo e de documentos que não estão mais apenas no suporte papel e que se mostram nas mais diferentes mídias.

Com isto, atualmente, o ambiente exige um profissional dinâmico e flexível que, segundo Tarapanoff (1997), deve: desenvolver parcerias, inovar e competir por novos espaços, globalizar a informação, organizar, recuperar e preparar a informação para o uso, disponibilizar e acessar a Informação em nível mundial e assim por diante.

Essas habilidades e competências descritas por Tarapanoff (1997), Guimarães ([1999?]), Valentim (2000) e Santos (2000) apenas esclarecem um pouco acerca do profissional da informação, mas não delineiam o perfil deste profissional.

Dividir a Biblioteconomia entre antiga e moderna parece errado, pois segundo Mueller (1989), o bibliotecário não pode ignorar suas antigas funções como: a preservação do conhecimento humano, a organização da informação para uma posterior recuperação; a educação, o suporte à educação formal; o suporte ao estudo e à pesquisa, o fornecimento ao usuário de fontes e materiais que supram as necessidades de informação deste; além do planejamento e administração de recursos informacionais, que sempre esteve a cargo do bibliotecário, pois este conhece o ambiente em que atua e,

com um planejamento racional e uma administração competente, pode disponibilizar serviços mais eficientes para seus usuários.

Todas as funções efetuadas pelos bibliotecários devem ser realizadas pelo profissional da informação de forma globalizada, utilizando as novas tecnologias de informação e comunicação e não se limitando ao espaço da biblioteca. O usuário passa a ser o objetivo principal do bibliotecário e não mais o acervo.

A função da educação, seja como suporte à educação das escolas públicas, que carecem de bibliotecas e profissionais qualificados, seja como assistência à comunidade carente ou à formação de usuários na própria biblioteca, está sendo desempenhada mais ativamente hoje em dia, apesar das mesmas já integrarem o perfil do bibliotecário desde a Revolução Francesa, com a democratização do ensino e das bibliotecas.

A função do suporte ao estudo e à pesquisa deve ser uma das principais atividades realizadas pelo bibliotecário neste novo século, pois a produção científica cresce vertiginosamente e cabe ao profissional tornar-se parceiro do especialista, seja dentro de uma biblioteca, ou como consultor autônomo, valorizando e qualificando o que se produz de científico no país.

É importante, também, estar ciente do que ocorre na comunidade em que a Unidade de Informação atua, além de conhecer e entender os fenômenos que permeiam a informação.

As novas tecnologias apenas alteraram o agir bibliotecário, mas não a sua essência. Novas habilidades e funções são demandadas porque novos meios de trabalhar surgiram. De acordo com Almeida Junior (2000, p.46):

[ . . . ] inserir no discurso bibliotecário o jargão das novas tecnologias traduz não só uma necessidade de apropriação de ferramentas que contribuem para a efetivação dos objetivos da área (idéia que defendo), mas também, e infelizmente, como uma forma de aparentar uma modernidade que inclua a biblioteconomia no rol de áreas e profissões ligadas e identificadas como demandas sociais da atualidade [ . . . ].

#### 2.4.4 Imagem do Bibliotecário

Associada à questão profissional, identidade pode ser entendida como pessoas que agregam “[ . . . ] valores, competências, habilidades, visões e perspectivas sobre propósitos semelhantes ou comuns.” (WALTER, 2004, p.287). Reunidos em torno do mesmo ideal, os profissionais acabam assumindo uma mesma postura perante a sociedade e a eles mesmos.

O que se percebe na literatura, acerca da identidade e da atitude do bibliotecário com o passar dos tempos, é que aquele ideal anteriormente aceito, de um profissional mais voltado para o acervo e para a preservação da informação, perdeu-se em meio a tantas transformações e acabou gerando imagens distintas da mesma profissão.

Sem saber das mudanças que estão ocorrendo e das dificuldades que o bibliotecário tem encontrado para se inserir nesse novo contexto, muitas pessoas ainda são atraídas pela idéia romantizada da Biblioteconomia, como a aquisição de conhecimentos ilimitada, o acesso a livros de todos os tipos, tendo a biblioteca como único campo de atuação e imaginando adquirir um *status* de intelectuais ou, ainda, pela facilidade de ingresso no curso. Encarando a realidade do curso, que apresenta uma grande parte de disciplinas de caráter técnico e outras de cunho de gestão e administração, muitas pessoas acabam frustrando-se e ajudando a construir uma imagem negativa da profissão.

Confrontando-se os motivos que levam as pessoas a se tornarem bibliotecários a partir do que a profissão realmente oferece, imagina-se que possíveis decepções possam influenciar na forma que o profissional desempenha seu papel. Aquele que esperava ter acesso apenas a documentos impressos, terá que encarar uma realidade diferente, que inclui novas mídias e novas formas de tratamento da Informação.

Esta imagem negativa, caricatural, que pode ser resumida pela “[ . . . ] senhorita de óculos e birote, velhinha, com um dedo na frente da boca, pedindo silêncio.” (SMIT, 1982, p.2), não é apenas propagada e externada pelos meios de comunicação ou pelos usuários, mas também é disseminada pelos próprios bibliotecários que, através da apatia e do acomodamento, identificam razões externas a essa imagem negativa, como baixos salários, má formação, situação econômica do país que desfavorece o setor cultural. Segundo Smit (1982), o profissional bibliotecário limita-se voluntariamente, transformando meios em fins, ou seja, escondendo-se atrás de um tecnicismo puro e

esquecendo o contexto em que esta inserido, não assumindo a responsabilidade que lhe cabe.

Na opinião dos profissionais bibliotecários, segundo estudo de Ochôa e Pinto (2006), algumas competências são importantes para um bom desenvolvimento da profissão como: comunicação interpessoal; pesquisa de informação; relacionamento com o usuário; compreensão do meio profissional; identificação e validação das fontes de informação; ações pedagógicas; comunicação institucional; gestão da informação; entre outros. Neste mesmo estudo foi questionado aos profissionais quais seriam as competências necessárias para o desempenho futuro da profissão, e como resultado, surgiu apenas uma nova competência, além das que já tinham sido citadas, que foi saber utilizar as novas tecnologias. Isso mostra como os profissionais bibliotecários são “[ . . . ] pouco receptivos a mudanças identitárias [ . . . ]” (OCHÔA; PINTO, 2006, p.169).

Para Ochôa e Pinto (2006a) os usuários esperam que o bibliotecário desenvolva certas competências como: ser mediador da informação; gestor de relacionamentos; se ocupar da organização do espaço e dos equipamentos; saber utilizar as tecnologias da Internet; dominar a gestão de conteúdos e conhecimentos. Também foi constatado que usuários com maior nível de escolaridade, neste caso os doutores, dão uma maior importância e valorizam mais o profissional bibliotecário.

Segundo estudo realizado por Marquetis (2005), embora o usuário reconheça a importância do bibliotecário para o bom funcionamento de uma unidade de informação, a maioria teve experiências negativas com relação ao atendimento. Isto se deve ao fato de que essa atividade, muitas vezes, é delegada a pessoas sem qualificação para tal ou é desenvolvida por profissionais descontentes com sua profissão, pelos mais variados motivos.

O usuário, tendo uma percepção externa da situação dos bibliotecários, cria uma imagem fundamentada nas suas experiências pessoais, como um bom/mau atendimento, ou baseada no que a mídia lhe apresenta, que muitas vezes são estereótipos que deturpam a imagem do profissional, resultando numa visão simplista e errônea da profissão.

Segundo Walter (2004, p. 292) a profissão mudou porque

[ . . . ] ainda busca sua identidade conforme atestam os vários textos que discutem papéis, funções, habilidades, currículos ideais e, principalmente, mercados potenciais de atuação. Contribui para essas discussões o maciço ingresso das tecnologias de informação, que

ocasionaram mudanças profundas no modo de fazer bibliotecário e tem provocado o repensar de perfis profissionais [ . . . ].

Dando continuidade ao pensamento do autor, o bibliotecário

[ . . . ] demonstrou a fragilidade das identidades construídas talvez pela formação, talvez pela incapacidade de responder rapidamente às mudanças ou ainda pela quase inexistência de forças de ligação entre seus profissionais. (2004, p.296).

O problema da imagem profissional do bibliotecário não é um assunto recente. Oliveira, em 1982, publicou um artigo onde cita fatores fundamentais para a mudança da imagem profissional como a

[ . . . ] mudança de mentalidade, conscientização para o papel desempenhado na sociedade e para os problemas específicos da profissão, mais curiosidade e criatividade intelectual, maior preocupação com o usuário e com a realidade social [ . . . ].

As mudanças deveriam ser encaradas como um processo natural de evolução da sociedade. No entanto, alguns profissionais ainda demonstram resistência a essas mudanças, receando perder seu espaço no mercado de trabalho.

Apesar das novas tecnologias de informação e comunicação terem causado transformações na área da Biblioteconomia, a essência do trabalho, que é a organização, tratamento e mediação da informação, continua a mesma, alterando apenas a sua amplitude. As atividades realizadas pelo bibliotecário não se restringem mais ao espaço físico da biblioteca ou a livros impressos; atualmente os bibliotecários podem atuar nos mais diversos campos, como editoras, oferecendo consultoria a empresas, como trabalhadores autônomos, entre outras funções.

A imagem do profissional bibliotecário é apenas uma parte do imaginário popular a respeito da profissão. O imaginário biblioteconômico, portanto, é uma expressão individual ou coletiva que toma por base a imagem do profissional, seu estereótipo, a experiência adquirida pelo contato do indivíduo com este, somado a seus desejos e aspirações.

No imaginário popular o bibliotecário é visto como o guardião do saber, o guardião de um mundo encantado cheio de aventura e conhecimento. Esta visão tão positiva da profissão não é igualmente retratada pelo Cinema, pois este usa o estereótipo

como forma de ser o mais verossímil possível, mesmo que o estereótipo não retrate a realidade. Isto gera um retorno financeiro garantido para os produtores, pois o público vê na tela características que não lhe são totalmente estranhas, ou seja, o filme leva o espectador a um ambiente que ele já conhece, já que este tende a rejeitar tudo que lhe pareça falso.

O cinema é um meio pelo qual a sociedade expressa-se cultural, artística e ideologicamente, portanto é uma forma de dominação, de relação de poder entre um grupo e outro. E a propagação de estereótipos, seja de qualquer profissão, é uma forma de legitimar este poder.

#### **2.4.5 Imagem do Bibliotecário no Cinema**

O Cinema, como formador de opinião, manipula, mesmo que inconscientemente, a opinião do público. O uso de estereótipos, por parte deste, pode prejudicar o profissional bibliotecário, pois geralmente o que os meios de comunicação em massa transmitem é tomado como verdade, podendo, assim, propagar uma imagem do profissional que não condiz com a realidade.

Na literatura pesquisada, o profissional bibliotecário é dividido em gênero - homem-mulher - para uma melhor análise, mostrando dois estereótipos bem antagônicos: o positivo e o negativo.

No que diz respeito ao estereótipo negativo da mulher bibliotecária, algumas características são comuns a todos os filmes pesquisados. Yanes (2002, p.120) conseguiu reunir muito bem essas características, que são:

[ . . . ] mujer de mediana edad o mayor, poco atractiva, con moño y gafas [ . . . ] y a veces monóculo, expresión preocupada y cara seria, vestida con “hábitos largos”, conservadora en el vestir, zapatos clásicos y medias, falda *tweed* y gesto típico con la mano, haciendo guardar silencio.

A autora completa logo a seguir: “[ . . . ] solterona – debido a que es presentada como una mujer fea, severa, remilgada, aburrida y temerosa de los hombres -, y cascarrabias, introvertida, torpe, pero también ‘tranquila’.”. Além das características

citadas por Yanes, Silva (2006, p.104), complementa este pensamento com novas características como: “[ . . . ] realizam quase que exclusivamente trabalhos técnicos, como é ainda característica da corrente americana da profissão.”, e “[ . . . ] a negativa ao desejo sexual e da sexualidade [ . . . ]”. Este estereótipo negativo da profissional bibliotecária é comparado ao estereótipo da Bruxa, encontrado na mitologia e nos contos de fadas.

A bibliotecária não é apresentada nos filmes somente como uma velha ranzinza. Ela também pode assumir a forma de uma mulher sedutora e atraente, que segundo Yanes (2002, p.122) possui as seguintes características “[ . . . ] atractiva y sexy, sin gafas, pelo corto o largo (no recogido), elegante y eficaz, con encanto, mujer de carrera, soltera e inteligente, ordenada, honesta y trabajadora.” O que define bem o estereótipo positivo da bibliotecária é o prazer em realizar o serviço bibliotecário e a facilidade de comunicação usuário/profissional.

No que tange ao profissional bibliotecário (do sexo masculino), ele também é perpetuado no cinema através de dois estereótipos principais, o positivo e o negativo.

O estereótipo negativo do profissional bibliotecário, segundo Walker e Lawson ([1993?]) possui as seguintes características: “[ . . . ] fussy and timid [ . . . ], poor [ . . . ], and respectable [ . . . ]”\*. Completado por Yanes (2002, p.124) “[ . . . ] calvo y com gafas; malvestido; descuidado em su ropa; solterón quisquilloso; y sensible, malhumorado y cruel [ . . . ]”. Estes traços não são de um herói hollywoodiano, audaz, rebelde e forte, mas sim de um trabalhador com características intelectuais, como os cientistas.

A vertente positiva do estereótipo do bibliotecário mostra um profissional que, segundo Yanes (2002, p.125), é “[ . . . ] una figura sabia, una autoridad, símbolo de los mejores valores sociales, com conocimientos de la historia local [ . . . ], seductores [ . . . ]”. O profissional bibliotecário é pouco representado pelo cinema se comparado a bibliotecária, sendo seus papéis geralmente neutros, não interferindo no enredo da história.

O profissional bibliotecário é representado nos filmes geralmente por um personagem solteiro, devido aos resquícios dos monges que exerciam a função de bibliotecários na Idade Média, que por normas da Igreja, não podiam casar-se ou juntar-se com uma mulher (LEMAITRE, 1982).

---

\* [ . . . ] inquieto e tímido [ . . . ], pobre [ . . . ], e íntegro [ . . . ]

A predominância do sexo feminino na profissão se dá pelo fato de que, no século XIX, quando a mulher começou a ocupar postos de trabalho, a biblioteca estava entre eles, pois era um ambiente que não exigia esforço físico e tinha uma baixa remuneração, o que para os padrões da época era um trabalho genuinamente feminino.

Com a crise econômica ocorrida nos EUA, em 1930, muitas mulheres casadas foram proibidas de trabalhar. Logo, as mulheres que continuaram trabalhando começaram a ser estereotipadas de solteironas, velhas, feias, entre outras características, como forma de “castigo” por elas terem abandonado o lar. Uma outra crise do sistema capitalista, em 1950, reforçou o estigma da bibliotecária solteirona, introvertida, severa, pois as mulheres casadas estavam fora do mercado de trabalho e os postos ocupados pelas mulheres solteiras recebiam uma remuneração consideravelmente menor que a dos homens.

Segundo Pinto e Ochôa (2006), Samuel Green e Melvil Dewey foram os promotores da formação feminina em Biblioteconomia, pois era uma forma de produzir trabalhadores especializados de maneira barata.

No Brasil, a predominância do sexo feminino, dá-se pelo fato de que, na mesma época do início do exercício da profissão no país, as mulheres podiam escolher entre duas carreiras - magistério ou Biblioteconomia – portanto, uma profissão de “[ . . . ] moças de boa família resguardadas em ambientes fechados e em contato com crianças (inofensivas) ou adultos preocupados com a cultura.” (SMIT, 1982, p.3).

O profissional bibliotecário, seja ele homem ou mulher, é pouco apresentado pelo cinema se comparado a produção mundial de películas. Os filmes geralmente caem no estereótipo negativo da bibliotecária. No entanto, percebe-se um crescimento na substituição do tradicional ambiente físico da biblioteca pela exposição do trabalho do bibliotecário, através do acesso remoto a bases de dados. Com isso, aquela forma de trabalho estereotipada do bibliotecário está cada vez mais sendo esquecida, apesar de estar, implicitamente presente, seja na catalogação, na indexação, na criação dos mecanismos de buscas nas bases de dados.

Mas não é só a profissão de bibliotecário que é estereotipada pelo Cinema. Outras também sofrem este processo, entre elas o jornalista, que inaugura a representação estereotipada sendo normalmente retratado como um

[ . . . ] boêmio, anárquico, cínico e mercenário, características que estariam ligadas a realidade da profissão nos primórdios do jornalismo

– baixos salários, ausência de regras rígidas por parte das empresas jornalísticas, reduzido nível de instrução dos profissionais. (CARMO, 2002, p.188).

Com a ascensão da televisão e de novas tecnologias de comunicação e informação, o estereótipo do jornalista começou a se modificar para o de um profissional mais qualificado, dinâmico, capaz de atuar em um ambiente em constante modificação.

Assim como na Biblioteconomia, há uma forte separação de gêneros (masculino e feminino) com uma predominância feminina, no jornalismo o sexo masculino é que predomina, devido a alguns fatores citados por Carmo (2002, p.189) como: “[ . . . ] a agressividade necessária à obtenção da notícia, a jornada de trabalho exaustiva e possíveis riscos aos quais se expõe o profissional da imprensa, situações tidas como inadequadas ao êxito feminino.”

Para a mulher jornalista o estereótipo é ainda mais agressivo, pois a retrata como uma mulher submissa ao homem, sempre ocupando um cargo inferior; cuidados excessivos com a beleza; inexperiência; descontrole emocional.

A enfermagem, profissão majoritariamente feminina, apresenta um estereótipo que mudou muito durante o tempo. Entre 1920 e 1945, a imagem da enfermeira era relacionada a filmes de ação, mostrando uma pessoa altruísta e destemida que trabalha nos campos de guerra. De 1946 a 1965, devido ao período pós-guerra, a enfermeira passou a ser retratada como protetora e devota. De 1966 a 1982, a enfermeira é retratada como um símbolo sexual, que está sempre ao dispor do médico ou do paciente (RAMBOR, 2007).

Atualmente a enfermeira é mostrada como uma mulher bonita, geralmente loira, de pele branca, trajando roupas brancas e touca para segurar e cobrir o cabelo. É uma profissional subalterna a um médico, que geralmente é do sexo masculino, e sem qualificação, ou seja, o serviço prestado pela profissional é visto muito mais como uma caridade do que uma profissão (RAMBOR, 2007).

Apesar de não se poder exigir do cinema uma reprodução fiel da realidade, os estereótipos apresentados deturpam a imagem do profissional e propagam uma idéia que, muitas vezes, pode ser perniciosa para a profissão.

### METODOLOGIA



### 3 METODOLOGIA

A metodologia empregada em uma investigação visa delinear diretrizes para a realização da mesma. Na metodologia são descritos o tipo de estudo, o sujeito da pesquisa, o instrumento de coleta de dados a ser adotado, bem como o plano de análise dos dados.

A metodologia utilizada foi de cunho qualitativo, pois se baseou na representação, o mais fiel possível, do objeto de análise, sabendo que nessa representação ocorreria uma simplificação da informação analisada, seja esta visual ou textual. E de cunho exploratório, pois teve o objetivo de proporcionar maior familiaridade do investigador com o problema ou fenômeno em estudo, construindo hipóteses e explicitando o problema pesquisado, com o intuito de explorar este problema ou fenômeno para prover critérios e compreensão, utilizando métodos bastante amplos e flexíveis.

Foi feita uma seleção de filmes em que a imagem do bibliotecário é representada, tendo como base a filmografia pré-selecionada por Martin Raish ([2007?]), sendo realizada, em seguida, uma varredura nestes filmes que permitiu selecionar os que seriam objetos de análise. Logo, realizou-se uma transcrição destes objetos, delimitado pela unidade de análise que, para fins deste estudo, foi toda cena em que a figura do bibliotecário atuasse.

A transcrição dividiu-se em duas partes: a dimensão visual e a verbal. Na dimensão visual descreveu-se o ambiente onde estava inserido o discurso, além do ângulo da câmera, iluminação, música, entre outros elementos que fazem parte das técnicas cinematográficas e que também produzem sentido ao objeto pesquisado. A dimensão verbal consistiu de uma transcrição literal do material verbal – diálogos, por exemplo - do objeto de análise.

Utilizaram-se dados quantitativos como forma de melhor analisar as informações pesquisadas e, complementando os dados numéricos, citações ilustrativas foram feitas com o intuito de exemplificar, confirmar ou negar os princípios teóricos ou os dados empíricos apresentados em forma de número.

As limitações encontradas na realização do estudo encerram a seção da metodologia.

### 3.1 TIPO DE ESTUDO

O estudo baseou-se em películas cinematográficas, pois estas foram a fonte direta para a coleta de dados, sendo a “Análise de imagens em movimento”, desenvolvida por Diana Rose, a metodologia utilizada, com contribuições teóricas de Peter Loizos, “Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa”\*. A “análise de conteúdo” também foi uma forma metodológica empregada.

A “Análise de imagens em movimento” é um método desenvolvido para a análise de dados através de meios audiovisuais, ou seja, além do texto, um amálgama complexo de sentidos, imagens, técnicas, composição de cenas e muito mais fazem parte do objeto de análise e é indispensável levar em consideração essas nuances quando se pretende analisar seu conteúdo e estrutura no todo.

Segundo Diana Rose (2002, p.343): “Existirão sempre alternativas viáveis às escolhas concretas feitas, e o que é deixado fora é tão importante quanto o que está presente.”, ou seja, a transcrição dos dados sempre acarretará uma simplificação da informação coletada, tornando-se necessário explicitar o máximo possível os recursos empregados na pesquisa.

A “Análise de imagens em movimento” desenvolve-se em cinco passos: o primeiro é a escolha de um referencial teórico e a aplicação deste ao objeto empírico; o segundo é a seleção de um referencial de amostragem e a identificação do objeto de análise; o terceiro é a transcrição deste objeto; o quarto é a análise dos dados; e o quinto é a seleção de citações que complementem a análise e a aplicação de estatísticas simples, quando apropriadas.

A “análise de conteúdo” é uma técnica de pesquisa para a “[ . . . ] transcrição objetiva e sistemática do conteúdo manifesto da comunicação.” (RICHARDSON, 1999, p.223), podendo ser quantitativa ou qualitativa e que, para fins deste estudo, foi usada para complementar a metodologia descrita anteriormente.

Este estudo teve como base materiais já publicados em livros, artigos de periódicos e materiais disponibilizados pela Internet.

---

\* Metodologias selecionadas do livro: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

### 3.2 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos deste estudo foram filmes relativos ao período de 1930 a 2007 (APÊNDICE A), que retratam a imagem do profissional bibliotecário.

Na década de 30, foi analisado um filme; na década de 40, seis; na década de 50, três; na década de 60, dois; na década de 70, sete; na década de 80, quatro; na década de 90, nove; e nos anos de 2000 a 2007, foram analisados sete filmes. A quantidade de filmes analisados por década, está atrelada à disponibilidade dos mesmos.

Para cada período pré-determinado, 1930 a 1969, 1970 a 1989 e 1990 a 2007, foi definido um filme representativo, que fosse o mais significativo e que possuísse o maior número de características do profissional. Este filme foi analisado em profundidade complementado por observações, citações e dados numéricos retirados de outros filmes da mesma época.

A análise por períodos, foi seguida de uma análise da imagem do profissional bibliotecário no Cinema, que não prendeu-se à época, mas baseou-se, principalmente, em dados numéricos que visavam possibilitar uma posterior análise dos dados levantados.

Para a delimitação dos períodos de análise, teve-se como base a literatura especializada da área e a evolução da Biblioteconomia no Brasil.

### 3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

O instrumento de coleta de dados foi uma ficha (APÊNDICE B) criada especialmente para análise dos filmes selecionados que retratam o profissional bibliotecário. Os dados registrados na ficha detiveram-se em aspectos de caráter qualitativo, buscando registrar com clareza todos os pontos característicos acerca do profissional.

A ficha de coleta dividiu-se em cinco partes: dados técnicos, contendo informações técnicas acerca do filme, como título, diretor, roteirista, nome do ator que interpreta o bibliotecário, o gênero, o ano e o país onde o filme foi produzido; ambiente, apresentando o ano ou a data provável, o local e um resumo da narrativa do filme;

biblioteca, abrangendo o tipo e uma breve descrição física da biblioteca, em que contexto ela é utilizada, suas características e como os usuários apresentam-se na cena analisada; bibliotecário, contendo o nome do personagem, sua descrição física e comportamental, seja esta profissional e/ou social; observações, espaço para peculiaridades sobre o filme, como curiosidades sobre atores e diretores, entre outras.

A elaboração desta ficha de coleta foi realizada com o objetivo de facilitar a análise dos filmes que retratam o bibliotecário, tendo em vista os objetivos específicos desta pesquisa.

### 3.4 ANÁLISE DOS DADOS

A análise, a fim de responder aos objetivos do estudo, foi feita na forma descritiva e interpretativa, tendo em vista o esclarecimento já realizado do termo estereótipo. A análise dos dados permitiu concluir sobre o estereótipo do profissional bibliotecário em cada época estudada e sua evolução com o passar do tempo, mostrado na sétima arte. O filme escolhido como o foco principal, em cada período, teve sua análise mais aprofundada, sendo os demais filmes estudados como fonte de apoio para as conclusões almejadas.

Após a análise por épocas, foi analisado o bibliotecário por tipo de biblioteca e por gêneros cinematográficos, para que fossem definidos os estereótipos latentes, presentes na cinematografia levantada.

### 3.5 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Foram limitadores para a realização da pesquisa a dificuldade em encontrar determinados filmes, muitos não lançados no Brasil, e a falta de tradução ou legendas para o idioma Português, que inibiram a compreensão.

Outro aspecto limitador é a recente substituição do acervo das vídeo-locadoras de VHS para DVD, o que fez com que muitos dos filmes em VHS se perdessem, por não

haverem sido lançados no novo formato e, como esta pesquisa utiliza, em sua maioria, filmes anteriores à década de 90, muitos deles não foram localizados.

## ANÁLISE DOS DADOS



#### 4 ANÁLISE DOS DADOS

Analisou-se a imagem do bibliotecário na sétima arte, bem como sua evolução, durante as décadas de 1930 a 2000. Foram analisados 39 filmes, conforme mostrado no Quadro 1 – Filmes analisados, que traz a relação dos títulos estudados, agrupados por períodos, e dados numéricos sobre o tema em questão, como forma de melhor delinear a pesquisa feita.

Os períodos aqui definidos foram delimitados pela evolução da Biblioteconomia no Brasil e pela literatura especializada internacional.

Período	Títulos	Total		
		Bibliotecários	Bibliotecas	Filmes
<b>1930 - 1969</b>	A noite do demônio Carta a uma desconhecida O espião que veio do frio Um rapaz do outro mundo A felicidade não se compra Laços humanos A sétima vítima A sombra de uma dúvida Amor eletrônico A vítima do medo A mulher proibida Um sábado violento	15	13	12
<b>1970 - 1989</b>	O homem de palha Martha Debbie Does Dallas Indiana Jones e a última cruzada A casa do cemitério UHF Fuga de Alcatraz O horror de Dunwich Alice in Wonderland Hammett: mistério em Chinatown Céline et Julie vont en bateau	14	11	11
<b>1990 - 2007</b>	O Guardião: em busca da lança sagrada O Guardião 2: retorno às Minas do Rei Salomão Mascara negra Um plano simples Stanley & Íris Óleo de Lorenzo A múmia O dia depois de amanhã Mascara da ilusão	21	16	16

	Elefante A máquina do tempo Cidade dos anjos O sonho azul Pagemaster: o mestre da fantasia Filadélfia Billy Elliot			
<b>Total</b>		50	40	39

Quadro 1 – Filmes analisados

O Quadro 1 – Filmes analisados, mostra que 41% dos filmes analisados são do período de 1990 a 2007, 31% são do período de 1930 a 1969 e 28% são do período de 1970 a 1989.

Em 42% dos filmes analisados o bibliotecário é representado entre os anos de 1990 a 2007, em 30% entre os anos de 1930 a 1969 e em 28% entre os anos de 1970 a 1989.

Em 39% dos filmes analisados a biblioteca é representada entre os anos de 1990 a 2007, em 33% entre os anos de 1930 a 1969 e em 28% entre os anos de 1970 a 1989.

Os períodos com maior número de filmes tiveram, obviamente, um maior número de bibliotecas e bibliotecários analisados.

A seguir se mostra a análise feita, pelos períodos pré-determinados.

#### 4.1 PERÍODO DE 1930 A 1969

O primeiro curso de Biblioteconomia no Brasil foi implantado em 1911, na Biblioteca Nacional, com forte influência da escola francesa no seu currículo, contendo disciplinas como paleografia, iconografia, numismática e diplomática. Essa tendência formou profissionais eruditos, preocupados com a cultura e com a guarda e preservação dos documentos (OLIVEIRA, 1983).

Em 1935, foi criado em São Paulo um curso de Biblioteconomia que tinha em seu currículo disciplinas mais técnicas, voltadas para o trabalho interno da biblioteca, com forte tendência da escola norte-americana. A partir deste momento começaram a proliferar escolas de Biblioteconomia com o objetivo de suprir a demanda do mercado, que já não correspondia à realidade do profissional erudito formado pela Biblioteca Nacional.

Em 1938, foi criada a primeira associação de profissionais bibliotecários do Brasil, em São Paulo; em 1962, foi criada uma legislação profissional, assegurando assim o monopólio dos serviços. No mesmo ano, foi elaborado um currículo mínimo para o curso e, em 1963, lançado um código de ética da profissão. Todos esses fatores contribuíram para dar à Biblioteconomia um caráter de profissão (OLIVEIRA, 1983).

A literatura especializada da área, de 1930 a 1969, acerca do profissional bibliotecário, mostra-o como: guardião e amigo dos livros; simpático; inteligente; organizado; trabalhador, desempenhando várias atividades ao mesmo tempo, como atender dois usuários simultaneamente; boa memória; detalhista; altruísta, não se importando com sua remuneração.

Um filme que retrata bem o perfil profissional que era almejado na época pela literatura especializada é “Amor Eletrônico” (Walter Lang, 1957), comédia romântica que se passa na década de 1950, em Nova Iorque, e apresenta como tema principal a dicotomia moderno-antigo. Nesse filme, uma rede de TV, a *Federal Broadcasting Network*, começa a informatizar todos os seus setores, inclusive o departamento de referência, onde trabalham Bunny Watson, Peg Costello, Sylvia Blair e Ruthie Saylor, todas bibliotecárias.

Bunny Watson é a bibliotecária-chefe da Biblioteca do Departamento de Referência, administrando-a com muita eficiência. É representada por Katharine Hepburn, famosa atriz norte-americana e uma das estrelas de Hollywood, na época.

Apesar de todas serem bonitas e atraentes, apenas Bunny tem um relacionamento amoroso. As demais, ao que parece, são solteiras por opção, já que possuem diversas qualidades além da beleza, como inteligência, senso de humor, simpatia, que certamente agradariam a um provável parceiro.

Todas as bibliotecárias desempenham o seu trabalho com muita eficiência, flexibilidade e desenvoltura, pois oferecem a informação correta, de forma rápida e remota, sendo a maioria dos usuários atendidos por telefone.

As bibliotecárias, apesar de jovens, inteligentes e trabalhadoras, temem a chegada de um computador que, no pensamento delas, prejudicaria e, inclusive, acabaria com suas vidas profissionais. Este computador, que ocupava uma parede inteira e era cheio de pontos brilhantes, foi proposto pela administração da rede de televisão com o intuito de agilizar o processo de recuperação da informação.

Após a instalação do computador na Biblioteca, verificou-se que ele não poderia responder a todas as perguntas dos usuários, primeiramente porque as informações

deveriam ser adicionadas a ele, ficando implícito o trabalho do bibliotecário; em segundo lugar, porque algumas informações eram muito subjetivas e necessitavam de interpretação, não podendo ser resolvidas por uma máquina; e, para finalizar, porque o computador era muito frágil, ou seja, era suscetível até a mudanças de temperatura.

Bunny Watson e as outras bibliotecárias, apesar da recusa e do medo frente às novas tecnologias em um primeiro momento, acabam percebendo que estas poderiam ser utilizadas para otimizar e agilizar o trabalho, como se pode visualizar na cena descrita no Quadro 2 – Amor eletrônico e no Anexo A – Seqüência de cenas do filme “Amor Eletrônico”.

DIMENSÃO VISUAL	DIMENSÃO VERBAL
<p>A Biblioteca é organizada, limpa e bem iluminada. Possui três mesas onde trabalham as bibliotecárias, mais um espaço para o computador, que ocupa uma parede inteira. O acervo localiza-se no andar de cima.</p> <p>Richard Sumner, responsável pela instalação do computador, atende ao telefone, fingindo ser Bunny Watson. Após uma breve conversa com o usuário, eles utilizam o computador para encontrar a resposta.</p>	<p><b>Richard Sumner:</b> Consultas. Habla la Srta. Watson. ¿Qué? Ah, totalmente en teoría, por supuesto.</p> <p><b>Bunny Watson:</b> ¿Qué? ¿Qué?</p> <p><b>Richard Sumner:</b> ¿Cuál es el peso total de la Tierra?</p> <p><b>Bunny Watson:</b> ¿Quién quiere saber?</p> <p><b>Richard Sumner:</b> ¿Quién quiere saber? Promoción.</p> <p><b>Bunny Watson:</b> Ése es el tipo de dato que puede llevarnos meses.</p> <p><b>Richard Sumner:</b> ¿Por qué no darle la oportunidad?</p> <p><b>Bunny Watson:</b> Dígales que luego llamamos.</p> <p><b>Richard Sumner:</b> Luego llamamos.</p> <p><b>Bunny Watson:</b> Adelante.</p> <p><b>Richard Sumner:</b> Número uno.</p> <p><b>Bunny Watson:</b> Sí.</p> <p><b>Richard Sumner:</b> Ahora, escríbala.</p> <p><b>Bunny Watson:</b> ¿Cuál es el peso total de la Tierra?</p> <p><b>Richard Sumner:</b> Ahora, la tecla para sumar.</p> <p><b>Bunny Watson:</b> ¿Qué pasa?</p> <p><b>Richard Sumner:</b> Le está haciendo una pregunta.</p> <p><b>Bunny Watson:</b> ¿Qué pregunta?</p> <p><b>Richard Sumner:</b> "¿Con o sin personas?"</p> <p><b>Bunny Watson:</b> Qué buena chica. Qué buena chica.</p> <p><b>Richard Sumner:</b> ¿Le puedo decir que ése es el cumplido más bonito que CAME ha recibido?</p> <p><b>Bunny Watson:</b> Sí puede.</p>

Quadro 2 – Amor eletrônico

Nesta cena, o diretor usou poucos recursos cinematográficos para representar algo implicitamente, além da luz, movimento de câmera e cor que foram utilizados com

o objetivo de passar realismo à cena; o som foi usado para modernizar o ambiente, pois o computador fazia barulhos “espaciais” quando processava uma resposta, contrastando com o silêncio, talvez obsoleto, da Biblioteca.

Também pode-se perceber que o ambiente da Biblioteca, antes da chegada do computador, era mais desorganizado, com livros e materiais de escritórios espalhados pelas mesas.

Este filme, além de apresentar as características demandadas pela literatura da época, como simpatia, interesse pelo trabalho, inteligência, memória, possui outras, avançadas para a época, como liderança e gerência, por parte de Bunny Watson; cooperação e integração, uma vez que a biblioteca trabalha em rede com os outros departamentos da empresa; utilização de novas tecnologias com o objetivo de melhorar o serviço prestado; trabalho em equipe, pois as bibliotecárias são muito amigas e unidas no trabalho; rapidez, dando ao usuário a informação de que ele necessita, de forma ágil.

As bibliotecárias em “Amor Eletrônico” apresentam-se como pessoas jovens, dinâmicas, alegres, bonitas, bem sucedidas, com bons salários e interesse pelo trabalho. Esse estereótipo também pode ser visto em “A vítima do medo” (Michael Powell, 1960), filme no qual a bibliotecária Helen Stephens apresenta as mesmas características positivas.

O contraposto deste estereótipo positivo pode ser observado em “A mulher proibida” (Frank Capra, 1932). Neste filme, Lulu Smith é bibliotecária da biblioteca pública de uma cidadezinha dos EUA e, entediada com sua vida monótona e sem diversão, decide tirar umas férias em Havana, Cuba, onde se envolve com um amante que acaba aproveitando-se de sua ingenuidade.

Logo no início do filme, Lulu demonstra sua indignação na cena que será analisada no Quadro 3 - A mulher proibida e poderá ser vista no Anexo B – Sequência de cenas do filme “A mulher proibida”.

DIMENSÃO VISUAL	DIMENSÃO VERBAL*
Lulu vem caminhando pela rua, lenta e timidamente, com livros embaixo do braço e uma flor na mão. Ao chegar à porta da	<b>Amigo:</b> Lulu, do you know what time it is? <b>Lulu:</b> Spring time. <b>Amigo:</b> ClickClickClickClick (brincadeira do

\* **Amigo:** Lulu, que horas são?

**Lulu:** Primavera.

**Amigo:** ClickClickClickClick.

**Lulu:** Eu gostaria de ser dona desta biblioteca.

**Amigo:** Por quê?

**Lulu:** Eu pegaria um machado e a destruiria em milhões de pedacinhos, então incendiaria a cidade toda e dançaria ukulele enquanto ela estivesse queimando.

<p>biblioteca, é surpreendida por dois meninos que caçoam dela por usar óculos. Sem entusiasmo algum, Lulu entra na biblioteca e se depara com três pessoas conhecidas. Ela troca a flor do vaso, tira o chapéu e senta-se em sua mesa, sem dizer uma palavra.</p>	<p>amigo e freqüentador da biblioteca, que apertou o pulso de Lulu para lembra-la que ele referia-se às horas do relógio e não às estações do ano).  <b>Lulu:</b> I wish I owned this library.  <b>Amigo:</b> Why?  <b>Lulu:</b> I'd get an axe and smash it to a million pieces, then I'd set fire to the whole town and play a ukulele while it burned.</p>
--	---

Quadro 3 - A mulher proibida

Nesta cena, os recursos cinematográficos deram um efeito de monotonia e passividade. A câmera movimentou-se lentamente, dando a impressão de calma e tranqüilidade, bem como o som, uma música calma e serena.

No cinema, as vestimentas dos personagens, comumente denominadas figurino, também produzem sentido a cena, e são usadas para ressaltar o lado psicológico dos atores e atrizes.

Lulu Smith, apesar de ser jovem, veste-se como uma senhora idosa, de coque, vestido abaixo do joelho, óculos, sem maquiagem, brincos ou anéis e nenhuma sensualidade. Na segunda parte do filme, quando ela vai tirar férias em Havana, mostra-se bem mais desenvolta, sensual, trajando roupas ousadas e sem óculos, em uma figura bem diferente daquela de profissional antes representada.

Frank Capra, em 1946, dirige outro filme que retrata a profissional bibliotecária, “A felicidade não se compra”, na qual Mary Hatch Bailey é uma bibliotecária com o mesmo perfil de Lulu Smith.

Algumas características são típicas de profissionais com esse estereótipo como passividade, conformismo, pouca curiosidade, acrítico, arredio com os usuários e sem interesse pelo trabalho.

O extremo desse estereótipo pode ser visto em “Um sábado violento” (Richard Fleischer, 1955), no qual Dorothy, bibliotecária da Biblioteca Pública de Bradenville, rouba a bolsa de uma usuária que estava distraída, pesquisando no catálogo. Dorothy, além de antiética, atende pessimamente aos usuários, não prestando um serviço de referência eficiente.

Mesmo não havendo uma relação direta entre o cinema e a literatura especializada da área de Biblioteconomia, nas décadas de 1930 a 1969, alguns traços são mais freqüentes que outros, sendo que algumas características marcantes na imagem deste profissional, como o uso de óculos e a idade avançada, foram pouco representadas neste período.

Profissionais simpáticos, de comportamento cortês, cultos, inteligentes, com boa relação com o usuário, foram vistos em 32% dos filmes analisados; 35% destes filmes apresentaram profissionais com interesse pelo trabalho que realizavam, sendo que todos eram bibliotecários de referência.

Apenas em 12% dos filmes estudados o bibliotecário apresentou características de educador ou administrador. Em 87% os profissionais eram do sexo feminino e apenas 13% do sexo masculino, correspondendo à realidade da profissão, majoritariamente feminina. Em 73% dos filmes o bibliotecário é solteiro.

Além da vida amorosa, há outros estigmas que perseguem a profissional bibliotecária como a pouca sensualidade e as vestimentas conservadoras e tradicionais. Os filmes analisados deste período mostram uma profissional que, mesmo sendo jovem – 47% aparentaram ter entre 30 e 39 anos e 7% entre 20 e 29 anos – vestem-se como senhoras idosas, com saia abaixo do joelho, sem maquiagem, anéis ou brincos e cabelo preso, geralmente em coque.

Os homens deste período são representados por pessoas entre 40 e 49 anos, mas que se vestem formalmente, de terno, gravata e calça social e aparentam ser inteligentes e cultos.

Os óculos, outra característica bem peculiar da profissão, são utilizados por apenas 20% dos profissionais analisados. A atividade mais desempenhada pelo bibliotecário foi o serviço de referência, perfazendo um total de 79%.

A biblioteca pública, representada em 77% dos filmes, surge como um ambiente amplo, silencioso, antigo, com enormes estantes cobertas de livros, algumas mesas de estudo e grandes catálogos manuais. A biblioteca especializada, representada em 23% dos filmes, apresenta um ambiente mais agitado, dinâmico, moderno, mesmo para a época atual, com poucos livros e usuários.

Segundo Litton (1973) e Loureiro e Jannuzzi (2005), em suas retrospectivas, ressaltam algumas habilidades e características acerca do profissional desta época, dentre elas estão: ser guardião da biblioteca e amigo dos livros, simpático, de comportamento cortês, culto, inteligente, pontual, responsável, organizado, trabalhador, asseado e ter o hábito da leitura. Estudos acerca do usuário e da formação profissional eram marginalizados neste período.

Essas competências, apesar de serem retratadas pelo Cinema deste período, são menos frequentes do que características como má relação com o usuário, desinteresse pelo trabalho, passividade e quietude.

O Cinema não acompanhou a literatura especializada da área de Biblioteconomia no que se refere à imagem profissional, nas décadas de 1930 a 1969. Isso porque o Cinema apresentou estereótipos diversos, conforme relatado anteriormente.

A seguir, serão analisados os filmes das décadas de 1970 e 80.

#### 4.2 PERÍODO DE 1970 A 1989

A Biblioteconomia só passou a ser respeitada como profissão no Brasil a partir de 1970, apesar de, anteriormente, já haver um currículo mínimo para o curso e um código de ética da profissão. Isso se deve ao fato de que, nessa época, começaram a surgir os primeiros cursos de pós-graduação na área e, com isso, um campo teórico crítico começou a desenvolver-se, alterando a imagem de uma profissão empírica (OLIVEIRA, 1983).

A literatura especializada da área, de 1970 a 1989, retrata o profissional bibliotecário como: tecnicista, devido à influência da escola norte-americana, que orientou o currículo mínimo elaborado em 1962; atuante; com boa formação profissional; simpático; sociável; dando suporte à educação e à pesquisa científica; administrando a biblioteca; responsável pela preservação e organização dos livros; e consciente da importância de sua profissão para a sociedade em que está inserido.

Nesta época começaram a surgir com mais frequência trabalhos relativos ao usuário, como estudos de comunidade e usuário, educação de usuários, entre outros, que começaram a delinear um novo perfil para a profissão.

Infelizmente esse novo perfil não é retratado pelo Cinema nos anos de 1970 a 1989. As características mais frequentes, encontradas em 38% dos filmes, são passividade, monotonia, acomodação e apego a rotina; em 33% timidez; e, em 18% dos filmes analisados, os profissionais mostram-se sem nenhum interesse pelo trabalho. Suporte à pesquisa, administração de bibliotecas e função pedagógica aparecem em apenas 7% dos filmes.

A predominância do sexo feminino entre os bibliotecários não foi tão significativa como nas décadas de 1930 a 1969. No período de 1970 a 1989 os profissionais retratados eram 57% do sexo feminino e 43% do sexo masculino. Devido a esse equilíbrio, analisou-se o estereótipo masculino e feminino separadamente.

A imagem masculina do bibliotecário é representada por uma pessoa idosa, ou que aparenta ser, de cabelo curto, algumas vezes grisalho devido a idade avançada, e que se veste formalmente, de terno, gravata e calça social.

Uma imagem representativa deste estereótipo pode ser encontrada em “Debbie Does Dallas” (Jim Clark, 1978), clássico pornô da década de 1970, que narra a história de Debbie, uma líder de torcida que tem a oportunidade de participar dos Dallas Cowboy. Para que ela consiga o dinheiro necessário para a viagem, reúne algumas amigas e estas decidem trabalhar para ajudá-la. Donna, uma das amigas, vai trabalhar de assistente na biblioteca da universidade.

Na cena que será analisada no Quadro 4 - Debbie Does Dallas e poderá ser vista no Anexo C – Seqüência de cenas do filme “Debbie Does Dallas”, o Sr. Biddle surpreende Donna em meio às estantes, após uma visita inesperada de seu namorado.

DIMENSÃO VISUAL	DIMENSÃO VERBAL
<p>A biblioteca é um local calmo, silencioso, organizado, limpo e bem iluminado. Possui dois andares e estantes de metal cobertas de livros.</p> <p>Sr. Biddle, o bibliotecário, vem caminhando entre as estantes, quando surpreende Donna com seu namorado.</p> <p>Após o espanto, os dois dirigem-se ao escritório do Sr. Biddle, um local aconchegante, organizado, limpo, bem iluminado, com uma mesa central, duas cadeiras e estantes ao redor com alguns livros e objetos de decoração.</p>	<p><b>Sr. Biddle:</b> Mas o que é isso? Saia daqui imediatamente! Saia daqui!</p> <p>Espere!Espere! Teremos uma conversinha no meu escritório amanhã, logo cedo!</p> <p>Isto é um absurdo...você vem até meu escritório agora mesmo!</p> <p><b>Donna:</b> Sim, senhor Biddle!</p> <p>[Donna e o Sr. Biddle dirigem-se ao escritório]</p> <p>Por favor, Sr. Biddle! Por favor, não conte aos meus pais! Eu lhe imploro, não conte para eles!</p> <p><b>Sr. Biddle:</b> Eu estou surpreso com você, Donna. Você conhece as regras. Como você pôde quebrá-las?</p> <p><b>Donna:</b> Perdão, Sr. Biddle! Eu não queria quebrar as regras! Juro por Deus, nunca mais vai acontecer, apenas não conte para meus pais!</p> <p><b>Sr. Biddle:</b> Seus pais saberão disso.</p> <p>[Donna chora]</p> <p>Tudo bem ... pare de chorar! Eu não contarei aos seus pais! O que você precisa, mocinha, é de uma boa surra! E eu sou a pessoa certa para isso!</p>

Quadro 4 - Debbie Does Dallas

Os recursos cinematográficos, como iluminação e som, foram usados para dar sensação de realismo à cena. O movimento de câmera foi utilizado para enfatizar

algumas falas que eram em tons de advertência, dando-se um *close* no rosto do Sr. Biddle.

Logo após o final da última fala, Sr. Biddle decide punir Debbie dando-lhe algumas palmadas, com o objetivo de educar a moça. O bibliotecário é o único personagem do filme que se veste tradicionalmente, não possui atrativos físicos e é de uma idade avançada.

Esta imagem, de um profissional rígido, sempre seguindo normas e ordens, rotineiro, monótono e um pouco tímido, pode ser visto em “Indiana Jones e a Última Cruzada” (Steven Spielberg, 1989), no qual o bibliotecário é um senhor idoso, de óculos, terno, gravata e calça social, que aparece em algumas cenas carimbando livros calmamente.

A imagem feminina da profissional bibliotecária é representada, geralmente, por uma pessoa bonita, atraente, jovem, trajando roupas da moda, mas que não mostra interesse pelo trabalho, além de ser passiva, acomodada e rotineira.

“Céline et Julie vont en bateau” (Jacques Rivette, 1974) é um drama francês que narra a história de duas mulheres, Céline e Julie, cujas vidas são influenciadas por um melodrama que se desenrola numa realidade paralela repleta de alucinações. O filme é influenciado pelo movimento surrealista, que usava o imaginário como principal fonte de expressão e que teve grandes expoentes no Cinema como Luis Buñuel (Um cão andaluz, 1928), Germaine A. Dulac (La coquille et le clergyman, 1926), entre outros.

Na vida real, Julie é bibliotecária de uma biblioteca pública na França e demonstra total desinteresse pelo trabalho e uma péssima relação com o usuário, características que serão analisadas na cena representada no Quadro 5 - Céline et Julie vont en bateau e no Anexo D – Sequência de cenas do filme “Céline et Julie vont en bateau”.

DIMENSÃO VISUAL	DIMENSÃO VERBAL
<p>A biblioteca é de tamanho mediano, uma sala para o acervo e outra para o setor infantil, bem iluminada, com estantes de madeira, mesas de estudo, um catálogo manual e mais duas mesas para as bibliotecárias de referência, Lil e Julie.</p> <p>O usuário dirige-se à mesa de Lil com um livro na mão. Lil pára de recortar alguns papéis e chama sua colega.</p> <p>O usuário dirige-se à mesa de Julie, que o</p>	<p><b>Lil:</b> Não é comigo. Dessa vez é para você, Julie.</p>

ignora e continua lendo seu livro de literatura. Então ele larga o livro em cima da mesa e sai. Julie pega o livro devolvido, retira a ficha de empréstimo e coloca o livro em cima de outros.	
--	--

Quadro 5 - Céline et Julie vont en bateau

Os recursos cinematográficos foram usados para passar a impressão de monotonia e calma. O movimento da câmera é lento, assim como não há trilha sonora, ou qualquer tipo de barulho na biblioteca. Até mesmo os atores falam em tom mais baixo e lentamente.

Nesta cena pode-se perceber o constrangimento do usuário, que não sabe como proceder já que as bibliotecárias, mesmo não estando ocupadas, ignoram sua presença, para logo após iniciarem um jogo de cartomancia.

As bibliotecárias deste filme mostram-se totalmente displicentes, fumam dentro da biblioteca, não desempenham suas funções corretamente e são totalmente alienadas com o que está acontecendo no ambiente da biblioteca, mas possuem uma vida social ativa e alegre.

Julie, além de arredia e introvertida com os usuários, não faz nada quando Céline começa a riscar e rasgar um livro; inclusive ela mesma arranca uma página. Algumas cenas depois, Céline e Julie voltam à biblioteca para roubar um livro sobre magia, fato que apenas reforça não só o total desinteresse pelo trabalho, mas a falta de ética e o descomprometimento com a profissão.

Este estereótipo também pode ser percebido em “Alice in Wonderland” (Bud Townsend, 1976). Filme baseado na obra de Lewis Carrol, “Alice no País das Maravilhas”, no qual Alice é uma tímida bibliotecária que vive uma vida monótona, até entrar em um mundo encantado, repleto de fantasia.

Este filme é outro clássico pornô da década de 1970, no qual o diretor usou a biblioteca, na sua visão um ambiente calmo, tranquilo e silencioso, e a bibliotecária, uma profissional tímida e pouco sensual, para fazer o contraponto com um mundo cheio de sensualidade e diversão.

A imagem feminina da profissão retrata uma profissional bonita, entre 20 e 39 anos, que se mostra tímida no trabalho, mas ativa e extrovertida fora dele, sendo que 87% vestem-se de acordo com a moda da época e 62% são solteiras. A imagem masculina, geralmente mostra um profissional mais velho, estando 66% entre 40 e 69 anos e 34% entre 25 e 35 anos, pouco atraente, introvertido e com vestimentas formais.

A biblioteca foi apresentada como um local grande em 46% dos filmes, de tamanho mediano em 27% e pequena em 27%; bem iluminada em 73%; organizada em 82%. O ambiente da biblioteca mostrou-se silencioso em 91% dos filmes e nenhuma pareceu ser informatizada, apesar de nesta época algumas bibliotecas já apresentarem um ambiente informatizado.

Em 73% dos filmes a biblioteca é do tipo pública, em 18% do tipo universitária e em 9% a biblioteca encontra-se em um prédio.

Apesar de 64% dos filmes serem de origem norte-americana, outros países também representaram os bibliotecários em seus filmes como a França, a Alemanha, a Itália e a Inglaterra. Também houve uma grande variedade de gêneros cinematográficos, apesar do gênero drama, presente em 28% dos filmes, ainda ser o mais freqüente. Os demais gêneros dividiram-se em terror, 27%; pornográfico, 18%; ação, policial e comédia, 9% respectivamente.

Mueller (1989), Oliveira (1982 e 1983) e Lemaitre (1982), autores da época, definiram algumas habilidades e competências para o profissional bibliotecário como tecnicista, atuante, com boa formação profissional, simpático, administrador, responsável pela preservação e organização dos livros e consciente de sua responsabilidade social, dando suporte à educação e à pesquisa científica.

Essas competências e habilidades não foram tão freqüentes como passividade, timidez, acomodação, introversão, apego à rotina e má relação com o usuário, sendo que em 82% dos filmes analisados o bibliotecário apresentava mais características negativas e em apenas 18% apresentava mais características positivas.

A análise seguinte refere-se aos filmes relativos ao período de 1990 a 2007.

#### 4.3 PERÍODO DE 1990 A 2007

A sociedade vem passando por profundas transformações de ordem política, econômica, social e, principalmente, tecnológica. Nesta nova sociedade, a informação desempenha um papel cada vez mais importante para o desenvolvimento científico e tecnológico.

Esta informação, que está vinculada principalmente ao uso da Internet, exigiu uma nova postura do profissional bibliotecário. Seu ambiente de trabalho extrapolou as

fronteiras da biblioteca e o constante desenvolvimento das tecnologias de informação alterou significativamente o fazer e o agir bibliotecário. Muitos serviços que antes eram realizados pelo bibliotecário podem, agora, ser obtidos diretamente pelo usuário.

O profissional trabalha, atualmente, com a informação, e não mais com o suporte em que a informação está registrada. O usuário passa a ser seu foco principal, e não mais o acervo, ao mesmo tempo em que a disseminação tem um papel mais importante que a preservação da informação.

Esta sociedade exigiu um profissional com um novo perfil, apto a atuar neste novo contexto e que seja capaz de desenvolver novas habilidades e competências como ser um comunicador efetivo, empreendedor, dinâmico, político, globalizado, líder, agente social, interdisciplinar, criativo, crítico, entre outras.

A partir de 1990, a literatura especializada da área começou a utilizar conceitos de Administração como *marketing*, técnicas gerenciais, liderança, entre outros. Novos assuntos também começaram a ser abordados como ética profissional, desenvolvimento de novos produtos e serviços para a Unidade de Informação, com o objetivo de otimizar o trabalho desenvolvido.

Além destes elementos, conceitos como consciência social, cooperativismo, criatividade, educação continuada, integração, avaliação da informação e não apenas a sua organização, preservação e recuperação, começaram a ser abordados pelo campo crítico que começou a se formar ao redor da profissão na década de 1970.

A literatura especializada da área, de 1990 a 2007, retrata um profissional, dinâmico, moderno, flexível, preocupado com a comunidade em que está inserido, atuando em novos mercados profissionais e utilizando novas tecnologias.

Todas essas mudanças alteraram significativamente o profissional bibliotecário, e na literatura, começaram a surgir novas nomenclaturas para um profissional que agora não está mais restrito ao espaço físico da biblioteca, mas trabalha com a informação em diversos formatos, avaliando, tratando e recuperando esta informação. Designações como agente da informação, bibliocientista, cientista da informação, engenheiro da informação, especialista da informação, gerenciador da informação, infocientista, profissional da informação, foram alguns exemplos de nomes analisados por Almeida Júnior (2000).

A Sociedade da Informação, além de um novo perfil profissional, trouxe para o Cinema uma nova imagem do bibliotecário, mais dinâmica, atuante e que utiliza as novas tecnologias de informação para otimizar o desempenho de seus serviços.

Características como interesse pelo trabalho aparecem em 57% dos filmes analisados; utilização de novas tecnologias, principalmente a Internet, boa relação com o usuário, simpatia, cortesia e boa relação profissional em 43%; comunicador efetivo, cooperação, integração, trabalho em equipe, criatividade, inovador, empreendedor, dinâmico e atuante em 19%; flexível, globalizado e interdisciplinar em 14%.

Estas características estão presentes em “O Guardião: em busca da lança sagrada” (Peter Winther, 2004), no qual Flynn Carsen, após passar dezesseis anos estudando, decide tornar-se bibliotecário mesmo contra a vontade de sua mãe.

Na cena que será analisada no Quadro 6 – O Guardião: em busca da lança sagrada e poderá ser vista no Anexo E – Sequência de cenas do filme “O Guardião: em busca da lança sagrada”, Flynn Carsen faz a entrevista para o emprego de bibliotecário.

DIMENSÃO VISUAL	DIMENSÃO VERBAL
<p>A biblioteca é enorme, com vários andares, bem iluminada, organizada, limpa e com ótima decoração. Possui esculturas e quadros espalhados pela biblioteca e diversas pinturas nas paredes e no teto.</p> <p>Após enfrentar uma fila gigantesca para fazer a entrevista, Flynn Carsen é chamado por Charlene, a entrevistadora.</p> <p>Flynn, um pouco nervoso, após ver uma mulher sair chorando da entrevista, decide não participar, mas acaba sendo intimado por Charlene.</p> <p>No local da entrevista, uma sala enorme, bem decorada, iluminada e limpa, mas com apenas uma mesa e duas cadeiras, Flynn dirige-se lentamente a Charlene, que logo começa a entrevista de emprego.</p>	<p><b>Charlene:</b> O próximo!</p> <p><b>Flynn Carsen:</b> Não, não vou... não vou...</p> <p><b>Charlene:</b> Onde é que você pensa que vai? [Flynn dirige-se ao local onde será feita a entrevista]</p> <p>O que o faz pensar que pode ser bibliotecário?</p> <p><b>Flynn Carsen:</b> Bem, eu já li muitos livros.</p> <p><b>Charlene:</b> Não tente ser engraçado. Não sou de piadas.</p> <p><b>Flynn Carsen:</b> Peço desculpa.</p> <p><b>Charlene:</b> O que é que o faz pensar que pode ser bibliotecário?</p> <p><b>Flynn Carsen:</b> Conheço o Sistema Decimal de Dewey, a Biblioteca do Congresso, ensaio sobre a Ortodoxia, pesquisa na Internet e posso criar um arquivo online.</p> <p><b>Charlene:</b> Todos sabem isso. Eles são bibliotecários.</p> <p>O que é que o faz pensar que é "O" bibliotecário?</p>

Quadro 6 – O Guardião: em busca da lança sagrada

Os efeitos sonoros foram usados para reforçar o silêncio e a grandeza da biblioteca, destacando barulhos de passos e o eco da voz de Charlene. A câmera, para demonstrar a superioridade da entrevistadora sobre os entrevistados, ora assume o olhar perscrutador de Charlene, ora o olhar tímido de Flynn.

Nesta cena, pode-se perceber a vinculação do bibliotecário com uma nova realidade, muito mais dinâmica e moderna, na qual, além dos conhecimentos básicos

sobre Biblioteconomia e do domínio das novas tecnologias, é necessário um diferencial que o destaque dos outros profissionais.

Flynn Carsen apresenta diversas características do novo perfil profissional que começou a ser analisado pela literatura especializada da área a partir de 1990. Dentre elas estão: inteligência, eficiência, ser globalizado, ser interdisciplinar, ter interesse pelo trabalho, ter responsabilidade social, além de dominar o uso de novas tecnologias e de estar apto a criar produtos e serviços novos para os usuários da biblioteca.

Neste filme, a escolha profissional de Flynn é criticada diversas vezes, primeiramente por sua mãe, que acha uma profissão sem prestígio social, uma vez que seu filho estudou dezesseis anos, poderia arranjar emprego melhor. Depois por seu tio, que acha uma profissão sem retorno financeiro e monótona, sugerindo a Flynn que abandone o emprego de “guardador de livros” e parta para o ramo de importação e exportação que, a seu ver, é bem mais promissor.

Flynn Carsen também mostra algumas características negativas neste filme como: a falta de comunicação com o usuário; a timidez, sendo introvertido, quieto e um pouco nervoso com as mulheres; além de vestir-se formalmente, de terno, gravata e calça social.

Passados apenas dois anos, em “O Guardião 2: retorno às Minas do Rei Salomão” (Jonathan Frakes, 2006), Flynn mostra-se mais desenvolvido, extrovertido, simpático e com boa comunicação, além de relacionar-se melhor com as mulheres e vestir-se mais casualmente, de calça e casaco.

A evolução na imagem de Flynn mostra que seu comportamento tímido e quieto era influência de sua vida pessoal e não profissional, pois ele começa a desenvolver novas habilidades, como uma melhor comunicação, depois de tornar-se bibliotecário.

Este novo profissional também pode ser visto em “Cidade dos anjos” (Brad Silberling, 1998), no qual o bibliotecário, apesar de aparecer rapidamente em uma cena, age de forma ética, flexível, dinâmica, eficiente, utilizando as novas tecnologias e fornecendo a resposta para o usuário de forma rápida e ágil.

Apesar de a literatura especializada não apresentar mais o profissional tecnicista, monótono, guardião da biblioteca e dos livros, quieto e sem comunicação com o usuário, o Cinema ainda retrata esta imagem, como é possível analisar no Quadro 7 – Stanley & Íris e no Anexo F – Seqüências de cenas do filme “Stanley & Íris”.

Stanley, cozinheiro de uma lanchonete, esconde de todo mundo que nunca aprendeu a ler e a escrever. Íris, garçonete do mesmo local, após a morte de seu marido,

decide ajudar Stanley em sua alfabetização, usando a biblioteca para mostra-lhe o mundo da leitura.

Nesta cena, Stanley, após descobrir que já sabe ler, começa a retirar vários livros, aleatoriamente, das estantes e a recitá-los para toda a biblioteca, até ser interrompido pela bibliotecária.

DIMENSÃO VISUAL	DIMENSÃO VERBAL
<p>A biblioteca possui estantes de madeira cobertas de livros ao redor e mesas de estudo no centro. Parece ser limpa, bem iluminada, organizada e silenciosa com um grande catálogo manual ao fundo.</p> <p>Diversos usuários estão na biblioteca: alguns nas mesas, outros nas estantes e outros no catálogo.</p> <p>Stanley retira a bíblia da estante e começa a recitar um versículo qualquer. Quando acaba de recitar, entrega o livro para Íris e lhe dá um abraço.</p> <p>Os dois comemoram alegremente até serem interrompidos pelo pedido de silêncio da bibliotecária.</p>	<p><b>Stanley:</b> "E do espírito...".</p> <p>"E o espírito de Deus abateu-se sobre as águas, e Deus disse: 'que se faça a luz', e se fez a luz!"</p> <p><b>Íris:</b> Amém.</p> <p><b>Bibliotecária:</b> Shhhhhhhhhhh!</p> <p>O que lhe passa? Isto é uma biblioteca.</p> <p><b>Stanley:</b> Já sei que é uma biblioteca. É minha biblioteca.</p>

Quadro 7 – Stanley & Íris

Os recursos cinematográficos foram usados para dar dramaticidade à cena. A câmera acompanha lentamente Stanley e Íris em suas trajetórias ao redor das mesas de estudo, hora enquadrando a orgulhosa Íris, hora o alegre e entusiasmado Stanley. A trilha sonora apenas realça a dramaticidade da cena, bem como os figurantes, neste caso os usuários da biblioteca, que começam a olhar, cada um a seu tempo, para Stanley.

A cena retrata um profissional obsoleto e monótono, que está voltado mais para o acervo do que para os usuários e que preza o silêncio acima de tudo. Imagem esta que diverge da literatura especializada da área, que alterou este perfil por não atender às necessidades atuais de informação da sociedade.

Este filme apresenta a bibliotecária como uma senhora idosa, de coque, cabelo branco, vestindo-se de forma recatada, saia abaixo do joelho e casaquinho, lembrando a imagem tradicional de uma avó.

Esta imagem antiga do profissional bibliotecário, que remete aos primórdios da profissão, também pode ser percebida em “Billy Elliot” (Stephen Daldry, 2000). Neste filme, Billy, que deseja aprender balé mesmo contra a vontade de sua família e o

preconceito da comunidade, vai à biblioteca pesquisar mais sobre o assunto. A bibliotecária, uma mulher carrancuda, quieta, sem maquiagem e de cabelo curto, ignora Billy, não dispensando qualquer atenção ao menino, que procura o livro desejado sozinho, acabando por furtar o material, pois a bibliotecária não permitiu que ele o retirasse, por se tratar de uma temática adulta.

Em *Billy Elliot*, pode-se ver o descaso da bibliotecária com o usuário, o desinteresse pelo trabalho e a falta de uma formação pedagógica para atender crianças e adolescentes, fato este que é muito recorrente na realidade brasileira.

Características como timidez, quietude, introversão e falta de comunicação aparecem em 43% dos filmes analisados; rotineiro, monótono, acomodado e passivo em 38%; má relação com o usuário em 24%; profissionais obsoletos, aparentando formação inconsistente ou nenhuma formação profissional aparecem em 14% dos filmes analisados.

Infelizmente estas características ainda são apresentadas pelo Cinema, mas algumas delas, mesmo que em menor número, mostram-se presentes na sétima arte como a administração e a gerência de bibliotecas, o planejamento e a criação de novos produtos e serviços e a responsabilidade social, apontando o bibliotecário como um agente social, representados em 5% dos filmes analisados.

Neste período, o bibliotecário também passou a ser representado como um herói, desvendando mistérios e salvando o mundo de vilões malignos, como pode ser visto em “*O Guardião: em busca da lança sagrada*” (Peter Winther, 2004), “*O Guardião 2: retorno às Minas do Rei Salomão*” (Jonathan Frakes, 2006) e “*Máscara Negra*” (Daniel Lee, 1996).

Em 67% dos filmes analisados os profissionais são homens, enquanto que em 33% são mulheres. No que se refere à idade, 52% tem entre 30 e 39 anos, 29% tem entre 40 e 49 anos e 19% tem entre 60 e 69 anos. Estes dados divergem da realidade, que mostra uma profissão majoritariamente feminina, com idades mais avançadas.

Apenas 10% dos profissionais analisados mostram-se casados, enquanto 57% são solteiros, sendo que 52% dos profissionais usam óculos e 57% aparentam ser pessoas sem atributos físicos e pouco sensuais.

Neste período há uma diversidade maior de tipos de bibliotecas, apesar de 76% serem do tipo pública. A biblioteca especializada aparece em 6% dos filmes analisados, a escolar em 6%, a móvel em 6% e uma biblioteca imaginária, que localiza-se em outro mundo, mas que provavelmente é pública, aparece em 6% dos filmes.

Em 56% dos filmes analisados a biblioteca mostra-se um local grande, geralmente com mais de um andar, em 69% bem iluminada, em 75% organizada e em 56% localizam-se em um prédio antigo, bem decorado, com esculturas, pinturas, quadros, entre outros.

A biblioteca apresenta um ambiente informatizado em 38% dos filmes analisados, enquanto que em 25% ainda consta o catálogo manual.

Em 81% dos filmes analisados a origem é norte-americana, em 13% é chinesa e em 6% é inglesa.

O gênero drama ainda é o mais frequente, perfazendo 37% dos filmes analisados, o gênero ação/aventura perfaz 31%, o gênero romance 13%, o gênero fantasia 13% e o gênero ficção científica 6%.

Atores como Jet Li, Noah Wyle, Christopher Lloyd, Rachel Weisz e Bridget Fonda foram algumas personalidades conhecidas que representaram bibliotecárias ou bibliotecários em seus papéis, dando assim um maior destaque para a profissão.

Na literatura especializada deste período, autores como Guimarães ([1999?]), Valentim (2000), Santos (2000) e Tarapanoff (1997) definem algumas competências para que o profissional bibliotecário possa atuar nesse novo contexto, dentre elas estão: trabalhar de forma globalizada e integrada, possibilitando o acesso local e remoto, conhecer e utilizar as novas tecnologias de informação, aplicar técnicas administrativas modernas, ser criativo, investigativo, de senso crítico, inovador, empreendedor, flexível, dinâmico, organizado, político, entre outras.

Essas competências, apesar de serem retratadas pelo Cinema deste período, são menos frequentes do que características e habilidades como introversão, falta de comunicação, timidez, passividade e acomodação.

O Cinema desta época mostrou as duas imagens do bibliotecário, a positiva e a negativa, sendo a imagem negativa mais frequente nos filmes analisados.

#### 4.4 PERÍODO DE 1930 A 2007

As transformações ocorridas na Sociedade ocasionadas pela explosão informacional do final do século XX, devido principalmente ao uso da Internet,

modificaram a imagem do bibliotecário, gerando distintas representações de uma mesma profissão.

No Cinema, esta imagem mostra-se inconstante com o passar do tempo, ou seja, diversos estereótipos são apresentados independentemente da época em que estes foram analisados. Pretendeu-se mostrar esta inconstância ao se abranger um vasto período de análise (77 anos). Os dados interpretados, representando este período todo são os que passam a ser mostrados.

Essa inconstância pode ser vista quando os profissionais analisados são divididos por gênero. Em 44% dos filmes analisados o bibliotecário é do sexo masculino e em 56% do sexo feminino.

A imagem masculina foi crescendo com o passar dos anos, sendo que nas décadas de 1930 a 1960 o percentual de bibliotecários homens era de 9%, no período de 1970 a 1989 era de 27% e nas décadas de 1990 a 2000 passa para 64%.

A imagem feminina da profissional bibliotecária foi decrescendo com o passar do tempo. Nas décadas de 1930 a 1960, 46% dos profissionais analisados eram mulheres, no período de 1970 a 1989 o percentual decaiu para 29%, e nas décadas de 1990 a 2000, apenas 25% dos profissionais são mulheres.

Estes dados mostram que, no Cinema, a profissão de bibliotecário está se desvencilhando do estigma de uma profissão majoritariamente feminina. Apesar de haver uma predominância do sexo feminino, percebe-se um crescente aumento nas representações masculinas da profissão.

Também se pode perceber que a imagem “moderna” do profissional bibliotecário, mais comumente chamado de profissional da informação, geralmente é ligada ao sexo masculino, enquanto o perfil tradicional da profissão é relegado ao sexo feminino.

Em 12% dos filmes analisados o profissional bibliotecário possui entre 20 e 29 anos, em 46% entre 30 e 39 anos, em 22% entre 40 e 49 anos, em 4% entre 50 e 59 anos e em 16% entre 60 e 69 anos.

Em 52% dos filmes analisados as vestimentas dos profissionais bibliotecários são tradicionais, geralmente representadas por um homem de terno e gravata, ou uma mulher de saia abaixo do joelho e casaco, sem nenhuma sensualidade. Em 38% as vestimentas são comuns, de acordo com a moda da época, em 6% os profissionais aparecem vestindo alguma fantasia e em 4% trajando uniforme.

No período de 1970 a 1989, apesar de 71% dos profissionais bibliotecários aparentarem ser bonitos, atraentes, sensuais e vestirem-se de acordo com a moda da época, 82% apresentam mais características negativas do que positivas.

O bibliotecário, mesmo sendo representado em sua maioria por personagens jovens, mostra-se formal na sua maneira de vestir. Explica-se o fato partindo do pressuposto de que o Cinema vê no bibliotecário um profissional obsoleto e conservador.

Em 56% dos filmes analisados o profissional bibliotecário aparece como solteiro, em 14% casado e em 30% não se pode definir seu estado civil.

O uso de óculos, outra marca registrada do estereótipo que se faz do bibliotecário, não é muito apresentada pelo Cinema, sendo que em apenas 34% dos filmes analisados o profissional utiliza-se dos óculos para alguma tarefa. Deste percentual, 64% referem-se aos bibliotecários encontrados no período de 1990 a 2007.

O Cinema utiliza os óculos para ressaltar o cunho intelectual de alguns profissionais, como os cientistas e os próprios bibliotecários. A deficiência visual é um problema que afeta diversas pessoas de profissões distintas, não sendo um estigma apenas do bibliotecário.

As atividades realizadas pelos bibliotecários nos filmes são o serviço de referência, apresentado em 66% dos filmes analisados, a guarda de livros em 18% e o processamento técnico em 8%. Em 8% dos filmes não se pode definir a atividade desempenhada.

O serviço de referência é predominante nos filmes analisados porque é a atividade desempenhada na biblioteca na qual há algum tipo de interação entre os demais personagens e o bibliotecário, ação esta que é indispensável para o Cinema.

O preconceito racial entre as profissões, assunto marginalizado ao que parece, fica evidente no Cinema, no qual 96% dos profissionais retratados eram da cor branca e apenas 4% da cor negra. Este preconceito se evidencia ainda mais quando analisados os bibliotecários negros separadamente.

Em “Fuga de Alcatraz” (Don Siegel, 1979), o bibliotecário é um presidiário que foi preso injustamente e que, por bom comportamento, é designado para cuidar da biblioteca. Mesmo não tendo uma formação profissional adequada, desempenha suas atividades com prazer, talvez por ser a única que ele poderia realizar, mantendo a biblioteca em ordem.

Em “A máquina do tempo” (Simon Wells, 2002), o bibliotecário é uma ferramenta virtual interativa que aparece em forma humana, mais precisamente de um homem negro, de terno e gravata, e que está conectado a todas as bases de dados do mundo, sendo um compêndio de todo o conhecimento humano.

Apesar de estes dois bibliotecários desempenharem satisfatoriamente suas atividades, o primeiro é um presidiário sem formação profissional e o segundo é um “bibliotecário virtual”, que não existe fisicamente.

Vale ressaltar que a discriminação racial ainda hoje se mostra presente em nossa sociedade e, geralmente, atividades de cunho intelectual são designadas a pessoas de cor branca, enquanto atividades braçais são designadas a pessoas negras. Talvez isto explique o motivo de poucos bibliotecários negros serem mostrados nas telas.

As características positivas mais frequentes dos profissionais bibliotecários no período de 1930 a 2007 são: interesse pelo trabalho, sendo retratada em 58% dos filmes analisados; simpatia, cortesia e boa relação com o usuário em 38%; cultura e inteligência em 30%; trabalhador em 22%; alegre, divertido e extrovertido em 20%; rapidez, eficiência e a utilização de novas tecnologias, principalmente a Internet, em 18%; função pedagógica, comunicação efetiva, cooperação, integração, trabalho em equipe, atualização e boa formação profissional em 16%; criativo, empreendedor, atuante e inovador em 10%; administração e gerência de bibliotecas e amparo e suporte a pesquisa científica em 8%; responsabilidade social e criação de novos produtos e serviços em apenas 2%.

Características como a utilização de novas tecnologias, função pedagógica, cooperação, integração, trabalho em equipe, amparo e suporte a pesquisa científica e responsabilidade social começaram a ser mais habituais, somente a partir da década de 1990.

As características negativas mais frequentes dos profissionais bibliotecários são: conformismo, passividade, apego a rotina, monotonia, acomodação, timidez, quietude, introversão e falta de comunicação, sendo retratadas em 38% dos filmes analisados; má relação com o usuário em 30%; arredo em 26%; total desinteresse pelo trabalho em 16%; tolerante, no que se refere a desordem causada pelos usuários, em 12%; sem ou com péssima formação profissional, obsoleto, acrítico, rígido e moralista em 6%.

Apesar das características positivas serem mais diversas, as negativas são mais frequentes e gritantes.

Em 76% dos filmes analisados a origem é norte-americana, em 10% inglesa, em 5% chinesa, em 3% francesa, em 3% alemã e em 3% italiana. Esta supremacia norte-americana deve-se ao fato da indústria dominante do Cinema ser a dos EUA, produzindo, assim, mais filmes que a Europa e a Ásia.

#### **4.4.1 Tipo de Biblioteca**

O principal local de trabalho do bibliotecário, a biblioteca, é representada de diversas maneiras pelo Cinema. Em 74% dos filmes analisados as bibliotecas são do tipo pública, em 9% especializada, em 5% universitária, em 3% móvel, em 3% escolar, em 3% a biblioteca encontra-se em um presídio e em 3% a biblioteca é imaginária, ou seja, localiza-se em outro mundo.

Em 49% dos filmes analisados a biblioteca aparenta ser grande, geralmente com mais de um andar, em 30% de tamanho mediano e em 18% pequena, comumente do tamanho de uma sala.

A biblioteca tem um ambiente bem iluminado em 64% dos filmes analisados e um ambiente mais escuro e sombrio em 23%. Em 62% o ambiente encontra-se organizado e em 28% desorganizado, com livros e materiais de escritório espalhados pelo recinto. Isto remete ao fato de que, na maioria das vezes, o ambiente da biblioteca mostra-se agradavelmente iluminado e organizado.

Em 72% dos filmes analisados o ambiente da biblioteca é silencioso e em apenas 8% mostra-se mais dinâmico e agitado.

O catálogo manual foi representado em 42% dos filmes analisados, deste percentual 41% encontra-se no período de 1930 a 1969, 35% no período de 1970 a 1989 e 24% no período de 1990 a 2007, ou seja, houve uma diminuição progressiva dos catálogos manuais em decorrência da informatização das bibliotecas, fato que ocorreu a partir da década de 1980.

As bibliotecas informatizadas aparecem em apenas 15% dos filmes analisados, sendo que todos são dos anos de 1990 a 2007.

A biblioteca pública geralmente é grande, bem iluminada, organizada, silenciosa e possui um catálogo manual. Em 57% dos filmes analisados a biblioteca pública localiza-se em um prédio com características da arquitetura moderna e em 43% com

características da arquitetura antiga, mas independente do prédio onde está localizada, o ambiente é geralmente limpo e bem decorado, com quadros, esculturas, pinturas nas paredes, entre outros.

A biblioteca pública é representada nos filmes analisados por diferentes motivos, sendo que em 46% os personagens freqüentam a biblioteca com o pretexto de fazer uma pesquisa bibliográfica, seja para fins recreativos ou científicos, em 24% a biblioteca é mostrada por ser o local de trabalho do bibliotecário, em 7% ela é utilizada como um local de estudo ou ensino, em 7% é um local de refúgio, no qual o principal objetivo é fugir de alguma coisa, neste caso a chuva, em 7% os personagens vão atrás de informações sigilosas a respeito de algum usuário, em 3% o protagonista da história vai visitar o bibliotecário e em 3% os personagens estão atrás de algo que está escondido no prédio da biblioteca.

Assim como há diferentes razões para freqüentar a biblioteca pública, diversas imagens do profissional bibliotecário foram apresentadas, desde o estereótipo tradicional da mulher idosa, de coque, recatada, formal, sempre exigindo silêncio, até o profissional dinâmico, ágil, inteligente e que tem uma ótima relação com o usuário.

A biblioteca especializada comumente é bem iluminada, de tamanho mediano, com uma sala para o acervo, geralmente de acesso restrito aos usuários, e outra para consulta. Tem o ambiente mais dinâmico e agitado, mas mais desorganizado do que o da biblioteca pública.

A biblioteca especializada é mostrada somente como o local de trabalho do profissional bibliotecário, que geralmente é uma mulher atraente, com mais características positivas do que negativas como boa relação com o usuário e interesse pelo trabalho.

Outros tipos de bibliotecas, a escolar, a universitária, a móvel, a biblioteca do presídio e a imaginária, por representarem uma pequena parcela do total de bibliotecas não foram analisadas mais profundamente.

#### **4.4.2 Gênero cinematográfico**

Diversos gêneros cinematográficos retrataram o bibliotecário, sendo que o gênero drama está presente em 36% dos filmes analisados, em 15% os gêneros ação e

aventura, em 10% o gênero suspense, em 10% o gênero terror, em 8% o gênero comédia, em 5% o gênero pornográfico, em 5% o gênero fantasia, em 5% o gênero romance, em 3% o gênero policial e em 3% o gênero ficção científica.

O gênero drama, caracterizado principalmente pelas narrativas tristes e por um excesso de sentimentalismo, apresenta histórias reais ou que poderiam ser reais, nas quais o protagonista almeja um futuro melhor e menos penoso (RAMIÓ, 1991).

Neste gênero o bibliotecário pode assumir duas funções na narrativa do filme, ser o protagonista ou o coadjuvante. Quando o bibliotecário é o protagonista, o personagem tem uma vida monótona e rotineira e possui características negativas como tristeza, depressão e acomodação, além da insatisfação profissional, que é refletida principalmente na interação com o usuário. A vida monótona e a insatisfação profissional são subsídios para o desenrolar da história, no qual o protagonista deseja um futuro melhor, como pode ser visto em “A mulher proibida” (Frank Capra, 1932).

Quando o bibliotecário é o coadjuvante, sua função é ajudar o protagonista, ou algum personagem da narrativa, a recuperar a informação desejada, mas muitas vezes o usuário encontra um profissional obsoleto, tímido e quieto, como pode ser visto em “Filadélfia” (Jonathan Demme, 1993).

Em 69% dos filmes analisados do gênero drama o profissional bibliotecário é do sexo feminino e em 31% do sexo masculino. Deduz-se que isso se deve ao fato da imagem feminina estar mais ligada ao sofrimento sentimental e amoroso do que a imagem masculina.

O gênero terror caracteriza-se pela narrativa fantástica, ou seja, aquela que não se detém ao real, abordando muitas vezes assuntos ocultos e misteriosos, como a morte, assombrações, satanismo, entre outros, e tendo em seu enredo monstros assustadores e horripilantes, como o vampiro Nosferatu ou o gorila gigante King Kong.

Neste gênero, o bibliotecário é retratado como o elo entre o usuário e o acervo, disponibilizando a informação de forma rápida e precisa, respeitando as normas da biblioteca. O profissional assume apenas um papel coadjuvante, no qual suas aparições nas cenas são geralmente rápidas, mas eficientes.

Independente do sexo do profissional bibliotecário, este é retratado como uma pessoa jovem, bonita e interessada pelo trabalho, sendo mais tradicional e conservadora quando do sexo masculino, como pode ser visto em “A casa do cemitério” (Lucio Fulci, 1981) e mais informal quando do sexo feminino, como pode ser visto em “O horror de Dunwich” (Daniel Haller, 1970).

O bibliotecário e a biblioteca são representados no gênero terror comumente como o guardião e o local onde se armazena o objeto almejado para o desenrolar da história que, nos casos dos filmes analisados pode ser um livro, místico ou não, que contém informações a respeito de um assunto obscuro.

Os gêneros ação e aventura são, talvez, os mais produzidos pelo Cinema atualmente, sendo que 83% dos filmes analisados destes gêneros foram produzidos entre os anos de 1990 e 2007.

As características principais dos gêneros ação e aventura são a narrativa simples, dando maior importância ao cenário, ao vestuário e aos efeitos especiais, no qual os personagens lutam para conquistar um objetivo, como o resgate de um objeto ou pessoa, a resolução de um mistério, entre outros, sendo que o bem sempre prevalece sobre o mal.

O bibliotecário pode assumir duas funções na narrativa deste tipo de filme: ser o protagonista ou o coadjuvante. Quando o bibliotecário é o protagonista, comumente sua profissão é usada para contrastar com um mundo repleto de aventura e vilões maquiavélicos. Apesar de o profissional não ter as características de um herói hollywoodiano, forte e musculoso, ele assume este papel utilizando a inteligência como sua principal arma.

Esta imagem do bibliotecário é retratada em “Máscara negra” (Daniel Lee, 1996), “O Guardião: em busca da lança sagrada” (Peter Winther, 2004) e “O Guardião 2: retorno às Minas do Rei Salomão” (Jonathan Frakes, 2006).

Quando o profissional bibliotecário é coadjuvante, sua função é apenas orientar os personagens pelos meandros da biblioteca, como pode ser visto em “O dia depois de amanhã” (Roland Emmerich, 2004), pois em nenhum filme dos gêneros ação e aventura analisado a biblioteca é usada com o intuito de recuperação da informação. Esta é retratada apenas por ser o local de trabalho do bibliotecário ou por ser onde se encontra o objeto procurado ou alguma pista dele.

O gênero suspense tem como principal característica o uso do sentimento de apreensão, que é adotado para causar medo e ansiedade nos espectadores.

Neste gênero, o bibliotecário assume apenas o papel de coadjuvante, não interferindo diretamente na narrativa. Sua função nos filmes de suspense analisados é, geralmente, disponibilizar a informação para algum personagem da história, informação esta que podem ser dados de algum usuário, como o endereço, nome completo, últimos livros retirados; documentos para pesquisa, como jornais e revistas antigas.

O profissional bibliotecário, geralmente, cai no estereótipo da bibliotecária de coque, idosa, recatada, formal e que preza pelo acervo mais que pelo usuário, criando empecilhos para a obtenção da informação, seja por ser sigilosa, por já ter passado o horário de funcionamento da biblioteca ou pela péssima interação com o usuário.

Exemplos desta imagem profissional são retratados em “A sombra de uma dúvida” (Alfred Hitchcock, 1943) e “A sétima vítima” (Mark Robson, 1943).

Os demais gêneros – comédia, policial, pornográfico, fantástico, romance e ficção científica – não foram analisados mais profundamente, pois somam apenas uma pequena parcela do total de filmes analisados.

#### **4.4.3 Estereótipo**

Apesar da imagem profissional do bibliotecário no Cinema não haver evoluído com o passar do tempo, mas apenas se adaptado ao contexto, alguns estereótipos são latentes nos filmes analisados.

Em 41% dos profissionais analisados o estereótipo apresentado é o “bibliotecário tradicional”, que se caracteriza por ser uma pessoa formal, conservadora, ranzinza, quieta, sem interesse pelo trabalho ou subestimando o trabalho que desempenha, rotineiro e com pouca ou nenhuma interação com o usuário.

Este estereótipo apresenta duas imagens bem distintas, a masculina e a feminina. A imagem feminina, retratada em 57% dos profissionais deste grupo, apresenta uma mulher com idade mais avançada, trajando vestimentas tradicionais, com o cabelo preso, geralmente em coque, severa, mal-humorada, acomodada, acrítica, rotineira, rígida e sempre exigindo silêncio.

Esta imagem pode ser percebida em “O espião que veio do frio” e “Stanley & Iris” (Martin Ritt, 1965 e 1990), “A sombra de uma dúvida” (Alfred Hitchcock, 1943), “A sétima vítima” (Mark Robson, 1943), entre outros.

A imagem masculina, retratada em 43% dos profissionais deste grupo, apresenta um profissional com idade mais avançada (apesar de bibliotecários mais jovens também serem representados com este estereótipo), cabelo curto e grisalho, vestindo-se formalmente, de terno e gravata, e comumente de óculos.

O bibliotecário homem assume uma postura mais intelectual, de guardião dos livros, demonstrando mais amor pelos livros e pela biblioteca, mas ainda possui características como apego à rotina e monotonia e tem menos importância na narrativa do filme do que a bibliotecária mulher.

Esta imagem pode ser percebida em “Carta a uma desconhecida” (Max Ophüls, 1948), “Pagemaster: o mestre da fantasia” (Pixote Hunt, Maurice Hunt, Joe Johnston, 1994), “Indiana Jones e a última cruzada” (Steven Spielberg, 1989), “Debbie Does Dallas” (Jim Clark, 1978), entre outros.

Em 32% dos filmes analisados o “bibliotecário tradicional” foi retratado no gênero drama, em 17% no gênero suspense, em 11% nos gêneros ação e aventura, em 11% no gênero fantasia, em 11% no gênero romance, em 6% no gênero terror, em 6% no gênero comédia e em 6% no gênero pornográfico.

No gênero drama, os profissionais retratados são 83% do sexo feminino e 17% do sexo masculino. Isso acontece porque a imagem feminina está mais ligada ao sofrimento sentimental que a masculina, e o gênero drama é predominante pois a insatisfação profissional e o desinteresse pelo trabalho são usados como subsídios para o desenrolar da história, que geralmente busca um futuro melhor.

No período de 1930 a 1969 este estereótipo foi retratado em 34% dos filmes analisados, no período de 1970 a 1989 em 33% e no período de 1990 a 2007 em 33%. Estes dados comprovam que a imagem tradicional do bibliotecário está presente em todas as épocas.

O “bibliotecário profissional”, representado em 29% dos profissionais analisados, retrata uma pessoa com interesse pelo trabalho; boa relação e comunicação com o usuário; ágil e rápido; crítico; atualizado; boa formação profissional, portanto, além dos conhecimentos técnicos biblioteconômicos, o profissional possui habilidades e competências de administração e gerência; atuante na comunidade em que está inserido e trabalhando de forma integrada e globalizada.

A imagem feminina deste estereótipo, retratada em 60% dos profissionais deste grupo, apresenta uma mulher jovem, trajando vestimentas da moda da época, atraente, comumente de cabelo longo e solto, possuindo características como descontração, profissionalismo e interesse pelos serviços desempenhados. Alguns exemplos podem ser percebidos em “Amor eletrônico” (Walter Lang, 1957), “O horror de Dunwich” (Daniel Haller, 1970), “Um plano simples” (Sam Raimi, 1998).

A imagem masculina, retratada em 40% dos profissionais deste grupo, apresenta um homem adulto, com vestimentas formais, comumente terno e gravata, polido, flexível, ágil e mais ligado às novas tecnologias do que a profissional mulher, como pode ser visto em “A máquina do tempo” (Simon Wells, 2002), “Cidade dos anjos” (Brad Silberling, 1998).

Em 26% dos filmes analisados o “bibliotecário profissional” foi retratado no gênero terror, em 25% no gênero drama, em 17% nos gêneros ação e aventura, em 8% no gênero suspense, em 8% no gênero romance, em 8% no gênero comédia e em 8% no gênero ficção científica.

No período de 1930 a 1969 este estereótipo foi retratado em 25% dos filmes analisados, no período de 1970 a 1989 em 17% e no período de 1990 a 2007 em 58%. Apesar de haver uma predominância no último período, esta imagem profissional é retratada em todas as épocas.

O “bibliotecário ambíguo”, retratado em 14% dos profissionais analisados, mostra-se uma pessoa tímida, quieta, rotineira, sem interesse pelo trabalho e pelos usuários, vestindo-se de forma recatada e tradicional, apesar de ser jovem e bonita. Possui uma vida profissional monótona e uma vida social ativa, alegre e interessante, mostrando-se mais sensual e atraente quando fora da biblioteca.

A imagem feminina é predominante, sendo retratada em 86% dos profissionais deste grupo, e geralmente possui um papel importante na narrativa do filme. Deste percentual 67% dos profissionais desenvolvem um relacionamento amoroso no decorrer da história, enquanto 33% continuam solteiras.

O “bibliotecário ambíguo”, em 86% dos profissionais deste grupo, aparenta ser de classe média, sendo possível viver dignamente com o salário de bibliotecário, e em 14% os profissionais aparentam ser pobres, vivendo em condições precárias, portanto a remuneração pelos serviços prestados não é o principal motivo da insatisfação profissional.

Este estereótipo pode ser melhor percebido em “A mulher proibida” (Frank Capra, 1932), “Alice in Wonderland” (Bud Townsend, 1976), “A múmia” (Stephen Sommers, 1999). A imagem masculina é retratada em apenas 14% dos profissionais deste grupo, possui as mesmas características que a profissional mulher e é retratado em “Máscara negra” (Daniel Lee, 1996).

Em 29% dos filmes analisados o “bibliotecário ambíguo” foi retratado nos gêneros ação e aventura, em 29% no gênero drama, em 14% no gênero comédia, em 14% no gênero pornográfico e em 14% no gênero policial.

No período de 1930 a 1969 este estereótipo foi retratado em 42% dos filmes analisados, no período de 1970 a 1989 em 29% e no período de 1990 a 2007 em 29%. Apesar de haver uma predominância no primeiro período, esta imagem profissional é retratada em todas as épocas.

O “bibliotecário fantástico”, retratado em 12% dos profissionais analisados, caracteriza-se por ser uma pessoa imaginária, ou seja, sua representação não é determinada pela realidade em que vivemos, podendo assumir uma nova aparência e novas habilidades físicas e mentais.

Este estereótipo não é rígido, ou seja, o profissional pode assumir características de outros grupos de estereótipos, como em “Máscara da ilusão” (Dave McKean, 2005), no qual o bibliotecário é parte humano, parte robô e parte boneco e tem a postura de um “bibliotecário tradicional”; “O guardião: em busca da lança sagrada” (Peter Winther, 2004), no qual o bibliotecário é um super-herói, que possui alguns poderes intelectuais e assume uma postura mais profissional.

O “bibliotecário fantástico” é retratado, comumente, como um super-herói, possuindo habilidades sobrenaturais; como uma ferramenta, na qual o trabalho humano do bibliotecário fica implícito e a interação usuário-informação é realizada por uma “máquina bibliotecária”; ou como um monstro, não possuindo as características físicas de uma pessoa.

Em 49% dos filmes analisados o “bibliotecário fantástico” foi retratado nos gêneros ação e aventura, em 17% no gênero fantasia, em 17% no gênero ficção científica e em 17% no gênero comédia. No período de 1970 a 1989 este estereótipo foi retratado em 17% dos filmes analisados e no período de 1990 a 2007 em 83%.

Esta predominância no último período ocorre por haver um maior número de filmes dos gêneros ação e aventura, e estes serem os gêneros mais produzidos pelo Cinema mundial contemporâneo, além da descoberta de novas tecnologias que possibilitam concretizar na tela o imaginário, permitindo aos cineastas maior liberdade de criação.

O “bibliotecário informal”, retratado em apenas 4% dos profissionais analisados, caracteriza-se por ser uma pessoa sem qualificação profissional, mas que acaba

trabalhando na biblioteca por algum motivo e, comumente, adquire amor pelos livros e pelo trabalho.

Em “Fuga de Alcatraz” (Don Siegel, 1979), o serviço biblioteconômico é desempenhado por um presidiário, que está trabalhando na biblioteca do presídio por apresentar bom comportamento e acaba adquirindo interesse pelo trabalho.

Em “O sonho azul” (Zhuangzhuang Tian, 1993) um camponês comunista chinês, que devido à idade avançada não pode mais trabalhar no campo, decide participar mais ativamente de sua comunidade e então começa a trabalhar na biblioteca, parecendo gostar do que faz.

Esta imagem profissional, por representar uma pequena parcela do total de filmes avaliados, não permitiu uma análise mais aprofundada.

## CONCLUSÃO



## 5 CONCLUSÃO

O Cinema como instrumento pedagógico e através de seus personagens criados de forma a cativar o público, ajuda na formação de opinião da sociedade. Estes personagens geralmente são apresentados de forma estereotipada, para uma melhor assimilação dos espectadores. Desta forma, o Cinema propaga uma imagem que muitas vezes não condiz com a realidade, mas que acaba sendo tomada como verdade.

Silva (2006) afirma que a circulação e a fixação do estereótipo se dão através da repetição, que cria uma compreensão identitária ao redor da imagem do profissional bibliotecário, educando o olhar, os sentidos e a imaginação.

O que se observou, neste estudo, é que a imagem do bibliotecário manteve-se em torno dos mesmos estereótipos com o passar dos anos, apenas adaptando-se ao meio em que o profissional estava inserido, ou seja, características encontradas na década de 1930 também podem ser percebidas nas décadas de 1990 e 2000.

Apesar de não haver modificações significativas nos estereótipos do profissional bibliotecário, houve uma predominância de características negativas na representação de sua imagem. Isto pode ser percebido quando, muitas vezes, uma pessoa apresentada como inteligente e extrovertida fora do trabalho, mostra-se quieta e insatisfeita na biblioteca.

O estereótipo negativo do profissional bibliotecário não é de um único gênero, nem de uma única época. Esta imagem, bem como o estereótipo positivo, vem adaptando-se com o passar do tempo, mas mantendo suas raízes.

A mudança na imagem do profissional bibliotecário é um processo lento e difícil, já que a imagem profissional é uma construção mental, não um objeto (ROGGAU, 2006). Esta mudança só ocorrerá quando o bibliotecário começar a observar criticamente os processos que desempenha e o ambiente em que está inserido, adaptando-se às constantes transformações da sociedade e direcionando seus produtos e serviços para a comunidade.

Ao que parece, os bibliotecários estão adaptando-se às novas mudanças e ao novo perfil profissional, sendo mais atuantes junto à comunidade e ao público em geral. Assim, as imagens e as idéias impostas pelos meios de comunicação irão contrastar com a realidade, possibilitando com que a sociedade reflita a respeito do profissional

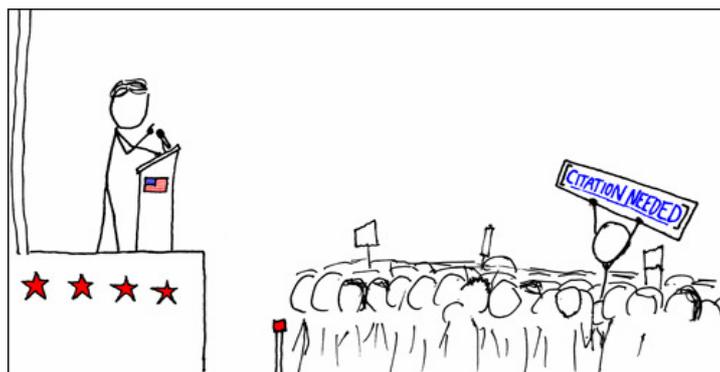
bibliotecário. Esta reflexão poderá, a longo prazo, influenciar a forma como o Cinema vem mostrando a figura do bibliotecário.

As imagens retratadas no Cinema, apesar de em grande parte serem negativas, não são apenas preconceitos e perseguição ideológica dos cineastas e diretores. O estereótipo é um lugar comum ao qual estes profissionais recorrem quando não possuem conhecimento suficiente para a devida representação do bibliotecário.

Deve-se ter em mente que o profissional bibliotecário é o maior responsável pela propagação e fixação de estereótipos negativos da profissão, e cabe a ele alterar esta imagem e lutar para que o Cinema e outros meios de comunicação visual, passem a representar a profissão de forma positiva, enfatizando as qualidades deste profissional e suas funções sociais e educativas, na construção de uma sociedade melhor.

Não se pode concluir este estudo sem antes recomendar uma posterior análise da imagem do bibliotecário no Cinema, que amplie a amostra da pesquisa, quer seja no número de filmes analisados, quer seja no local de produção desses filmes. Por exemplo, expandir esta análise a filmes produzidos na América Latina, com ênfase aos brasileiros, como forma de verificar como na nossa cultura ou em culturas mais semelhantes à nossa, este estereótipo é representado. Esta ampliação numérica e espacial possibilitará que se realize uma análise mais exaustiva da representação do bibliotecário por gêneros cinematográficos e tipo de biblioteca, o que permitirá uma maior confirmação e aprofundamento do estudo realizado.

## REFERÊNCIAS



## REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, Marcos. O papel da mídia na difusão das representações sociais. **Comum**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 17, p.111-125, jul./dez. 2001.
- ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. Profissional da informação: entre o espírito e a produção. In: VALENTIM, Marta Lúcia Pomim (Org.). **Profissional da informação: formação, perfil e atuação profissional**. São Paulo: Polis, 2000. P. 31-51.
- ARRUDA, Francimar Duarte. A questão do imaginário: a contribuição de Sartre. **Em Aberto**, Brasília, v. 14, n. 61, p. 79-85, jan./mar. 1994.
- AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas: Papyrus, 1999.
- BAPTISTA, Maria Manuel. **Estereotipia e representação social: uma abordagem psico-sociológica**. [2004?]. Disponível em: <<http://sweet.ua.pt/~mbaptista/Estereotipia%20enquanto%20forma%20de%20representacao%20social.pdf>>. Acesso em: 22 de junho de 2007.
- BARBIER, René. Sobre o imaginário. **Em aberto**, Brasília, v. 14, n. 61, p. 15-23, jan./mar. 1994.
- BRITTOS, Valério Cruz. **Comunicação e cultura: o processo de recepção**. [1997?]. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/brittos-valerio-Comunicacao-cultura.pdf>. Acesso em: 5 de julho de 2007.
- CARDOSO, Ciro F.; MAUAD, Ana Maria. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. P. 401-417.
- CARMO, Cláudia Rejane. Representações de gênero em Ele Disse, Ela Disse. In: BERGER, Christa (Org.). **Jornalismo no cinema**. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 2002. P. 181-199.
- DALPIZZOLO, Daniel. **A História do cinema: a era de ouro em Hollywood**. [2007?]. Disponível em: <<http://www.cineplayers.com/artigo.php?id=44>>. Acesso em: 4 de julho de 2007.
- DÍAZ, Marlery Sánchez; VALDÉS, Juan Carlos Vega. **El profesional de la información en el ámbito iberoamericano**. [2003?]. Disponível em: <[http://bvs.sld.cu/revistas/aci/vol12\\_2\\_04/aci05204.htm](http://bvs.sld.cu/revistas/aci/vol12_2_04/aci05204.htm)>. Acesso em: 6 de junho de 2007.
- FERREIRA, Nilda Teves; EIZIRIK, Marisa Faermann. Educação e imaginário social: revendo a escola. **Em Aberto**, Brasília, v. 14, n. 61, p. 5-14, jan./mar. 1994.
- FREITAS, Cristiane. O cinema: objeto de uma rede de comunicação relacional. **Sessões do Imaginário**, Porto Alegre, n. 10, p. 23-28, nov. 2003.

FRIDMAN, L. C. **Pós-modernidade**: sociedade da imagem e sociedade do conhecimento. [1999?]. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59701999000300007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701999000300007&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 5 de julho de 2007.

GRUPO RASPA CULTURAL DO BRASIL. **A história do cinema**. [2007?]. Disponível em: <<http://www.saocarlosocial.com.br/%5Fusr/raspa/historia.htm>>. Acesso em: 4 de julho de 2007.

GUIMARÃES, José Augusto Chaves. **Moderno profissional da informação**: elementos para sua formação no Brasil. [1999?]. Disponível em: <<http://www.congresso-info.cu/UserFiles/File/Info/Info97/Ponencias/007.pdf>>. Acesso em: 6 de junho de 2007.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papirus, 2002.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1996. (Coleção primeiros passos, 309).

LEMAITRE, Renée. A imagem do bibliotecário e documentalista em filmes e livros. **Palavra-Chave**, São Paulo, n. 2, p. 6-7, ago. 1982.

LIMA, Maria Manuel. **Considerações em torno do conceito de estereótipo**: uma dupla abordagem. [1994?]. Disponível em: <<http://sweet.ua.pt/~mbaptista/consideracoes%20em%20torno%20do%20conceito%20de%20esterotipo.pdf>>. Acesso em: 22 de junho de 2007.

LITTON, Gaston. **El bibliotecário**. Buenos Aires: Bowker Editores, 1973. (Breviários del bibliotecário, 13).

LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. P. 137-155.

LOUREIRO, Mônica de Fátima; JANNUZZI, Paulo de Martino. Profissional da informação: um conceito em construção. **Transinformação**, Campinas, v. 17, n. 2, p. 123-151, maio/ago. 2005.

LUNARDELLI, Fatimarlei. Cinema e realismo. In: BERGER, Christa (Org.). **Jornalismo no cinema**. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 2002. P. 203-214.

MARQUETIS, Eliana Marciela. O profissional da informação sob o ponto de vista do usuário: algumas reflexões. In: SOUTO, Leonardo Fernandes (Org.). **O profissional da informação em tempo de mudanças**. Campinas: Alínea, 2005. P. 83-98.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Perfil do bibliotecário: serviços e responsabilidades na área de informação e formação profissional. **Revista Biblioteconomia e Documentação**, v. 17, n. 1, p. 63-70, jan./jun. 1989.

OCHÔA, Paula; PINTO, Leonor Gaspar. Auto-imagem: observações actuais e variáveis do futuro. In: PINTO, Leonor Gaspar; OCHÔA, Paula (Org.). **A imagem das competências dos profissionais de informação-documentação**: relatório. Lisboa: OPi-d, 2006. P. 160-171.

OCHÔA, Paula; PINTO, Leonor Gaspar. Imagem externa: prioridade à mediação e aos relacionamentos. In: PINTO, Leonor Gaspar; OCHÔA, Paula (Org.). **A imagem das competências dos profissionais de informação-documentação**: relatório. Lisboa: OPi-d, 2006a. P. 172-175.

OLIVEIRA, Zita Catarina Prates de. Um estudo de auto-imagem profissional do bibliotecário. **Palavra-Chave**, São Paulo, n. 2, p. 8-10, ago. 1982.

OLIVEIRA, Zita Catarina Prates de. **O bibliotecário e sua auto-imagem**. São Paulo: Pioneira, 1983.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995.

PINTO, Leonor Gaspar; OCHÔA, Paula. Observar a profissão: fundamentos, metodologias e práticas. In: PINTO, Leonor Gaspar; OCHÔA, Paula (Org.). **A imagem das competências dos profissionais de informação-documentação**: relatório. Lisboa: OPi-d, 2006. P. 29-59.

PONJUÁN DANTE, G. Perfil del profesional de información del nuevo milenio. In: VALENTIM, Marta Lúcia Pomim (Org.). **Profissional da informação**: formação, perfil e atuação profissional. São Paulo: Polis, 2000. P. 91-105.

RAISH, Martin. **Librarians in the movies**: an annotated filmography. [2007?]. Disponível em: <<http://emp.byui.edu/raishm/films/introduction.html>>. Acesso em: 20 de outubro de 2007.

RAMBOR, Angélica. Os filmes hollywoodianos e a produção de sentidos sobre a enfermeira. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ENFERMAGEM, 14., 2007, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ABEn, 2007. 1 CD-ROM.

RAMIÓ, Joaquim Romaguera i. **El lenguaje cinematográfico**: gramática, géneros, estilos y materiales. Madrid: Torre, 1991.

RICHARDSON, Roberto Jarry. Análise de conteúdo. In: \_\_\_\_\_. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999. P. 220-244.

ROGGAU, Zunilda. Los bibliotecarios, el estereotipo y la comunidad. **Información, Cultura y Sociedad**, Buenos Aires, n. 15, p. 13-34, 2006.

ROSE, Diana. Análise de imagens em movimento. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. P. 343-364.

RÜDIGER, Francisco. Premissas da crítica à indústria cultural. In: \_\_\_\_\_. **Theodor Adorno e a crítica à indústria cultural**: comunicação e teoria crítica da sociedade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. P.19-44.

SANTOS, Jussara Pereira. O perfil do profissional bibliotecário. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.). **Profissional da informação**: formação, perfil e atuação profissional. São Paulo: Polis, 2000. P. 107-117.

SILVA, Josimey Costa da. **Sobre o imaginário**. [1997?]. Disponível em: <<http://209.85.165.104/search?q=cache:fPGYTdsXt0sJ:www.eca.usp.br/nucleos/filocom/josimey.doc+Sobre+o+imagin%C3%A1rio&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=1&gl=br>>. Acesso em: 4 de julho de 2007. 4 f.

SILVA, Terezinha Elisabeth da. Livro e cinema: representações de práticas relativas ao livro na imagem cinematográfica. **Informação e Sociedade**, João Pessoa, v. 16, n. 2, p. 98-118, jul./dez. 2006.

SMIT, Johanna. Bibliotecário, in memoriam: um canto de morte em feitiço de psicodrama. **Palavra-Chave**, São Paulo, n. 2, p. 2-3, ago. 1982.

SOARES, Maria de Fátima; FREIRE, Bernardina Maria Juvenal. Imagem bibliotecária(o): uma análise em películas cinematográficas. **Biblionline**, v. 1, n. 1, 2005. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/561>>. Acesso em: 12 de novembro de 2007.

TARAPANOFF, Kira. **Perfil do profissional da informação no Brasil**. Brasília: IEL/DF, 1997.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Atuação e perspectivas profissionais para o profissional da informação. In: VALENTIM, Marta Lígia Pomim (Org.). **Profissional da informação**: formação, perfil e atuação profissional. São Paulo: Polis, 2000. P. 135-151.

WALKER, Stephen; LAWSON, V. Lonnie. **The librarian stereotype and the movies**. [1993?]. Disponível em: <<http://wings.buffalo.edu/publications/mcjrnl/v1n1/image.html>>. Acesso em: 26 junho de 2007.

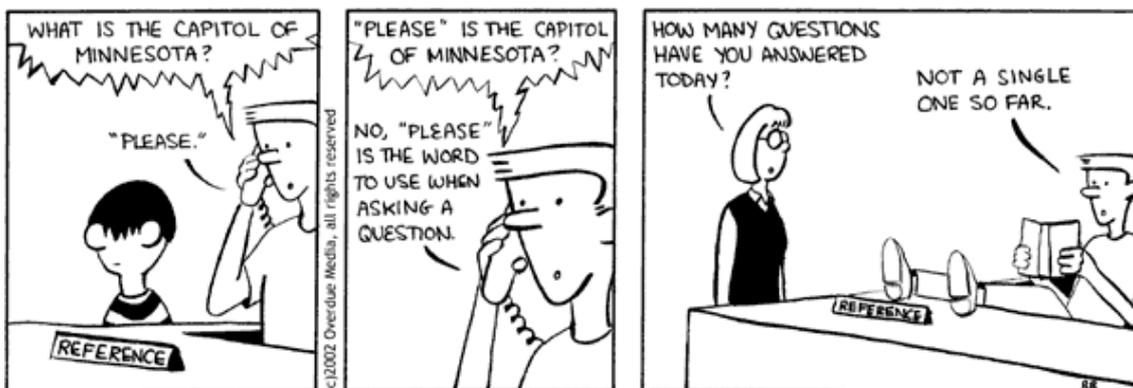
WALTER, Maria Tereza Machado Teles. Identidades, valores e mudanças: o poder da identidade profissional. Os bibliotecários subsistem na era da informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 287-299, jul./dez. 2004.

WIKIPEDIA. **Cinematógrafo**. [2007?]. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Cinemat%C3%B3grafo>>. Acesso em: 4 de julho de 2007.

\_\_\_\_\_. **Fenacístoscópio**. [2007?]. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Fenacístosc%C3%B3pio>>. Acesso em: 4 de julho de 2007.

YANES, Claudia Paz. Bibliotecas de cine: una revisión de la imagen de las bibliotecas y los bibliotecarios en el séptimo arte (tópicos y estereótipos). **Scire**, Zaragoza, v. 8, n. 2, p.114-140, jul./dic. 2002.

# APÊNDICES



**APÊNDICE A – Lista de filmes analisados**

ALICE in Wonderland. Diretor: Bud Townsend. Roteiro: B. Anthony Fredericks. Bibliotecário: Kristine DeBell. EUA, 1976.

AMOR eletrônico (Desk set). Diretor: Walter Lang. Roteiro: Phoebe Ephron, Henry Ephron. Bibliotecário: Katharine Hepburn, Joan Blondell, Dina Merrill, Sue Randall. EUA, 1957.

BILLY Elliot. Diretor: Stephen Daldry. Roteiro: Lee Hall. Bibliotecário: Carol McGuigan. Inglaterra, 2000.

CARTA a uma desconhecida (Letter from an unknown woman). Diretor: Max Ophüls. Roteiro: Howard Koch, Stefan Zweig. Bibliotecário: Cy Stevens. EUA, 1948.

A CASA do cemitério (Quella villa accanto al cimitero). Diretor: Lucio Fulci. Roteiro: Elisa Briganti. Bibliotecário: Gianpaolo Saccarola. Itália, 1981.

CÉLINE et Julie vont en bateau (Céline and Julie go boating). Diretor: Jacques Rivette. Roteiro: Juliet Berto, Eduardo de Gregório, Dominique Labourier, Bulle Ogier, Marie-France Pisier, Jacques Rivette. Bibliotecário: Dominique Labourier, Anne Zamire. França, 1974.

CIDADE dos anjos (City of angels). Diretor: Brad Silberling. Roteiro: Wim Wenders, Peter Handke, Richard Reitinger, Dana Stevens. Bibliotecário: Sid Hillman. Alemanha, EUA, 1998.

DEBBIE does Dallas. Diretor: Jim Clark. Roteiro: Maria Minestra. Bibliotecário: Jake Teague. EUA, 1978.

O DIA depois de amanhã (The day after tomorrow). Diretor: Roland Emmerich. Roteiro: Roland Emmerich, Jeffrey Nachmanoff. Bibliotecário: Sheila McCarthy. EUA, 2004.

ELEFANTE (Elephant). Diretor: Gus Van Sant. Roteiro: Gus Van Sant. EUA, 2003.

O ESPIÃO que veio do frio (The spy who came in from the cold). Diretor: Martin Ritt. Roteiro: Paul Dehn, Guy Trosper. Bibliotecário: Anne Blake. EUA, Inglaterra, 1965.

A FELICIDADE não se compra (It's a wonderful life). Diretor: Frank Capra. Roteiro: Frances Goodrich, Albert Hackett e Frank Capra. Bibliotecário: Donna Reed. EUA, 1946.

FILADÉLFIA (Philadelphia). Diretor: Jonathan Demme. Roteiro: Ron Nyswaner. Bibliotecário: Tracey Walter. EUA, 1993.

FUGA de Alcatraz (Escape from Alcatraz). Diretor: Don Siegel. Roteiro: J. Campbell Bruce, Richard Tuggle. Bibliotecário: Paul Benjamin. EUA, 1979.

O GUARDIÃO: em busca da lança sagrada (The Librarian: quest for the Spear). Diretor: Peter Winther. Roteiro: David N. Titcher. Bibliotecário: Noah Wyle. EUA, 2004.

O GUARDIÃO 2: retorno às Minas do Rei Salomão (The Librarian: return to King Solomon's Mines). Diretor: Jonathan Frakes. Roteiro: Marco Schnabel. Bibliotecário: Noah Wyle. EUA, 2006.

HAMMETT: mistério em Chinatown (Hammett). Diretor: Wim Wenders. Roteiro: Joe Gores, Dennis O'Flaherty, Thomas Pope, Ross Thomas. Bibliotecário: Marilu Henner. EUA, 1982.

O HOMEM de palha (Wicker man). Diretor: Robin Hardy. Roteiro: Anthony Shaffer. Bibliotecário: Ingrid Pitt. Inglaterra, 1974.

O HORROR de Dunwich (The Dunwich horror). Diretor: Daniel Haller. Roteiro: Curtis Hanson, Henry Rosenbaum, Ronald Silkosky. Bibliotecário: Sandra Dee. EUA, 1970.

INDIANA Jones e a última cruzada (Indiana Jones and the last crusade). Diretor: Steven Spielberg. Roteiro: Philip Kaufman, George Lucas, Menno Meyjes. EUA, 1989.

LAÇOS Humanos (A tree grows in Brooklyn). Diretor: Elia Kazan. Roteiro: Frank Davis, Tess Slesinger, Betty Smith. Bibliotecário: Lillian Bronson. EUA, 1945.

A MÁQUINA do tempo (The time machine). Diretor: Simon Wells. Roteiro: H.G. Wells, David Duncan, John Logan. Bibliotecário: Orlando Jones. EUA, 2002.

MARTHA. Diretor: Rainer Werner Fassbinder. Roteiro: Rainer Werner Fassbinder, Cornell Woolrich. Bibliotecário: Margit Carstensen, Peter Chatel, Ortrud Beginnen. Alemanha, 1974.

MÁSCARA da ilusão (Mirrormask). Diretor: Dave McKean. Roteiro: Neil Gaiman, Dave McKean. Bibliotecário: Stephen Fry. Inglaterra, EUA, 2005.

MÁSCARA negra (Hak hap). Diretor: Daniel Lee. Roteiro: Teddy Chan, Ann Hui, Koan Hui, Chi-Tat Li, Joe Ma, Chi-Ming Pang, Hark Tsui. Bibliotecário: Jet Li. China, 1996.

A MULHER proibida (Forbidden). Diretor: Frank Capra. Roteiro: Frank Capra, Jo Swerling. Bibliotecário: Barbara Stanwyck. EUA, 1932.

A MÚMIA (The mummy). Diretor: Stephen Sommers. Roteiro: Stephen Sommers, Lloyd Fonvielle, Kevin Jarre. Bibliotecário: Rachel Weisz. EUA, 1999.

A NOITE do demônio (Curse of the demon). Diretor: Jacques Tourneur. Roteiro: Charles Bennett, Hal E. Chester. Bibliotecário: John Salew. Inglaterra, 1957.

ÓLEO de Lorenzo (Lorenzo's oil). Diretor: George Miller. Roteiro: George Miller, Nick Enright. Bibliotecário: Mary Pat Gleason. EUA, 1992.

PAGEMASTER: o mestre da fantasia (The Pagemaster). Diretor: Pixote Hunt, Maurice Hunt, Joe Johnston. Roteiro: David Kirschner, David Casci, Ernie Contreras. Bibliotecário: Christopher Lloyd. EUA, 1994.

A SÉTIMA vítima (The seventh victim). Diretor: Mark Robson. Roteiro: DeWitt Bodeen, Charles O'Neal. Bibliotecário: Sarah Selby. EUA, 1943.

A SOMBRA de um dúvida (Shadow of a doubt). Diretor: Alfred Hitchcock. Roteiro: Gordon McDonell. Bibliotecário: Eily Malyon. EUA, 1943.

O SONHO azul (The blue kite). Diretor: Zhuangzhuang Tian. Roteiro: Xiao Mão. Bibliotecário: Quanxin Pu. China, 1993.

STANLEY & Íris. Diretor: Martin Ritt. Roteiro: Harriet Frank Jr., Irving Ravetch. Bibliotecário: Dortha Duckworth. EUA, 1990.

UHF. Diretor: Jay Levey. Roteiro: Weird Al' Yankovic, Jay Levey. Bibliotecário: Roger Callard. EUA, 1989.

UM Plano Simples (A simple plan). Diretor: Sam Raimi. Roteiro: Scott B. Smith. Bibliotecário: Bridget Fonda. EUA/Reino Unido/Japão/Alemanha/França, 1998.

UM Rapaz do Outro Mundo (Wonder man). Diretor: H. Bruce Humberstone. Roteiro: Arthur Sheekman, Jack Jevne, Eddie Moran. Bibliotecário: Virginia Mayo. EUA, 1945.

UM sábado violento (A violent saturday). Diretor: Richard Fleischer. Roteiro: Sydney Boehm, William L. Heath. Bibliotecário: Joyce Newhard. EUA, 1955.

A VÍTIMA do medo (Peeping tom). Diretor: Michael Powell. Roteiro: Leo Marks. Bibliotecário: Anna Massey. Inglaterra, 1960.

**APÊNDICE B – Ficha de coleta de dados**

<b>FICHA DE COLETA DE DADOS</b>
<b>1) Dados técnicos</b>  Título: Diretor: Roteiro: Bibliotecário: Gênero: Ano: País:
<b>2) Ambiente</b>  Época: País: Contextualização:
<b>3) Biblioteca</b>  Tipo: Ambientação: Usuários:
<b>4) Bibliotecário</b>  Nome: Aparência física: Comportamento:
<b>5) Observações</b>

ANEXOS



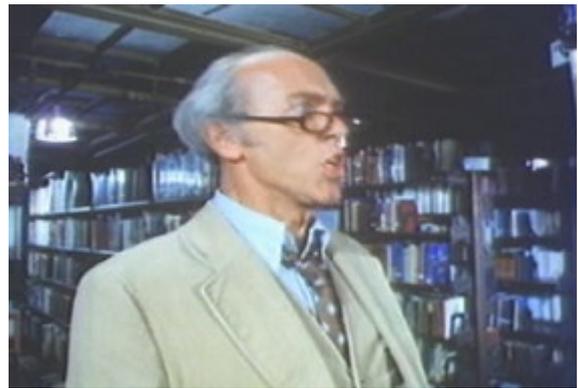
dave thought that jessica was  
hot..... for a librarian.

**ANEXO A – Seqüência de cenas do filme “Amor Eletrônico”**

**ANEXO B – Seqüência de cenas do filme “A mulher proibida”**



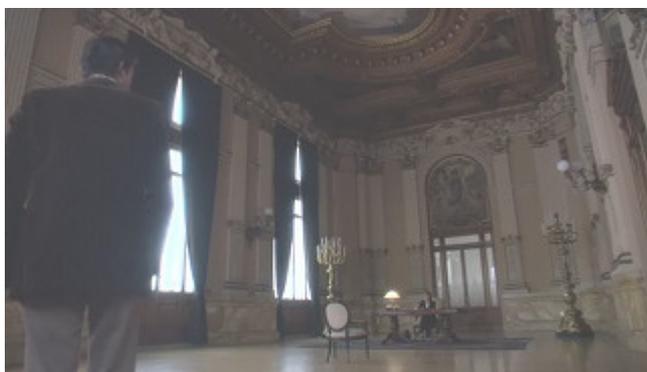
**ANEXO C – Seqüência de cenas do filme “Debbie Does Dallas”**



**ANEXO D – Sequência de cenas do filme “Céline et Julie vont en bateau”**



**ANEXO E – Seqüência de cenas do filme “O Guardião: em busca da lança sagrada”**



**ANEXO F – Sequência de cenas do filme “Stanley & Íris”**